

ILUSTRAÇÃO

N.º 205 — 9.º ano



OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00 12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
FLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00 8\$00 12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00 10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	8\$00 3\$00 8\$00 2\$00 3\$00
1023 — (3.ª edição), 4 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00 4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	6\$00 8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Queira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

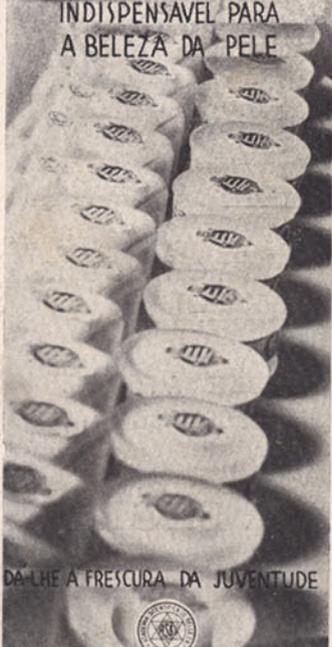
Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

11.º CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Saiu a nova edição

CARTAS

DE

Alexandre Herculano

2 vol. de 594 pags.
broc. 20\$00
Encadernado ... 30\$00

■

Pedidos à

Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de sair a nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, **Esc. 30\$00.** — Pelo correio à cobrança, **Esc. 32\$50**

■

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA



Feliz e sem dôres graças á

Cafiaspirina



SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs
semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:
Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots
— Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal —
The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESSES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay* (Diario de Noticias).

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA



OS PERCEVEJOS tornam a noite um PEZADELO

... mate-os com FLIT

A mordedura do percevejo é intensamente dolorosa; peor ainda é o perigo que tal mordedura nos oferece, transmitindo o contagio das doenças de uma para outras casas. A caça ao percevejo é difficil, tornando-se impossivel se não empregarmos o FLIT. — recuse todas as imitações. O FLIT pulverisado não mancha, Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.

Exija FLIT
REC. TRADE MARK

Recuse todas as substituições

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Satisfaz a todos os paladares



Para os apetites difíceis de contentar KELLOGG'S Corn Flakes é recomendado ao almoço. É um alimento delicioso apreciado por crianças e adultos. Agradável, nutritivo e facilímo de preparar. Não vai ao lume, é só servi-lo com leite ou nata.

A petizada, especialmente, adora KELLOGG'S Corn Flakes ao deitar. Estes flocos são bastante leves e de fácil digestão.

Sirva hoje mesmo KELLOGG'S aos seus miudos.

**Kellogg's
CORN FLAKES**

A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.



DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

745

Doces e Cosinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader.
com 351 páginas,

25\$00



DEPOSITÁRIA

Livraria Bertrand

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

Grande sucesso literário:

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 304 páginas, brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

COM bem curto intervalo dois nomes se acrescentaram ao já vasto martirologio da nossa aviação. São mais duas vítimas expiatórias de um erro que deve existir em qualquer parte e carecemos de emendar porque assim o exige a honra colectiva.

O que acontece deve provir de uma falha de pericia na arte de voar, ou defeito de mecânica, o que vem a conduzir a uma má escolha de aparelhos, que tanto pode incidir na qualidade das máquinas preferidas como no tempo de exercicio a que as sujeitam, excessivo, fora da regra estabelecida pela fábrica fornecedora.

Não se admite a primeira hipótese, quer dizer a impericia, nem mesmo a imprevidência, ou estouvamento dos pilotos que em Portugal, como em toda a parte, sabem de antemão quanto custam as improvisações dentro do mester.

Já aqui se escreveu, e mais uma vez se repete, que o motivo principal de uma grande admiração tributada aos aviadores consiste em eles exercerem a mais nobre e séria das artes, aquela que não permite a trapaça, nem o embuste. Ninguém pode simular de voador sem o ser de verdade. Esse gosto de representar do que se não é, por teatro ou impostura, tão afim do carácter português, particularmente o de Lisboa, com sua tinta de mulato, fica vedado de todo ao que afixe umas azas na sua véstia.

Quando se depara com aquele símbolo bordado no peito de um moço, já se sabe que deveras podemos crer no facto assim expresso. Vai ali um artista do vôo e não um farçante como tantas vezes succede ao dizerem-nos, vai ali um pintor, um escritor, médico, advogado, actor, homem de estado, professor.

A éstes é lícito pôr a dúvida. Será ou não o que o título indica? Ao navegador do ar, não, porque êsse empenhou a vida como garantia do seu direito a usar o distintivo.

Posta assim de parte a hipótese de não competência, restam-nos a escolha da máquina voante, ou o seu uso. É para aí que tem de dirigir-se a atenção pública rogando que de pronto se modifique um procedimento tão duro de agüentar. Também seria lícito propor que a não termos posses para suportar uma aviação condigna, mais valia abstermo-nos da prática de tal arte, dada a impossibilidade de exercê-la a fingir, pelos motivos já apontados.

Ora tal doutrina aparece inadmissível ao primeiro relance.

Fartamente se afirmou em tôdas as línguas que o aeroplano e o submarino eram as preferíveis armas dos países fracos. Essa razão que entra pelos olhos

CRÓNICA DA QUINZENA

dentro e quasi dispensa explicativo dos técnicos guerreiros, basta para convencer-nos de que a aviação não é luxo, mas necessidade imperativa imposta à pequena nacionalidade portuguesa. Tem de aceitar-se e cumprir-se o acto ou programa da navegação aérea. Portanto, haverá que executá-lo em condições de não pormos luto semana a semana pelos heróis despenhados da altura, mercê do motor que ultrapassou o limite das rotações permitidas.

Estudado com intelligencia e tenacidade o problema doloroso que ao brio nacional se apresenta, cremos que breve se lhe encontrará solução condigna. Outros mais difíceis foram resolvidos. Por isso esperamos dentro em pouco agradecer mais êsse serviço prestado pelo governo à boa ordem da casa que pretendemos decente, a-pesar-de pobre.

■

Com o início das noites amenas principiou o divertimento, oferecido o ano passado pela primeira vez ao povo de Lisboa, com o fim de proporcionar-lhe um pouco da alegria que tanto lhe falta e muitos outros fruem. Chama-se Luna Parque essa máquina de fabricar distracção salutar, riso, contentamento, pelos fisiologistas, médicos, considerado essencial à vida como o pão, o ar, a luz, a água.

Por certa perversão de instinto e gosto a que mal se advinha a procedência, os princípios educativos adoptados neste clima condenam, ou não aplaudem a expansividade, o prazer sob tôdas as formas, mesmo as mais inocentes. Atribui-se-lhe laivo de peccaminoso, ou de menos recomendável à pureza dos costumes e maneiras. Talvez que daí proviesse o retraimento e attitude bisonha que faz da multidão portuguesa, um aglomerado triste, parado, sisudo, por vezes quasi sinistro. É uma aparência que surpreende os estranhos e desola os naturais capazes de comparar e distinguir a má figura que apresenta no confronto.

Motivo, pois, assiste a êsses para se regosijarem com o instrumento provocador do gaudio. Bem haja quem o inventou.

E agora só há a desejar que faça

muitas cócegas no corpo lisboeta, o obrigue a sair da sornice e o aproxime de outros que riem, gritam e por gestos ou sons da garganta mostram que também aqui se vive para folgar e não apenas para cogitar na morte, na eternidade, nas coisas sérias e graves que provocam caranca e lágrimas.

O pior está em que a par dessa boa nova, digna de aplaudir-se às mãos ambas, aparece com o verão a praga costumeira da môsca que nos acompanha tão constante como o semblante de amargura. Supõem-na os moradores uma fatalidade, ou fruto inevitável, assasonado na mesma quadra da seara e da cereja, impossível de estôrvo na sua evolução. E porque assim o entendem não lhes causa revoltas, nem desespêro essa vermina imunda que cobre as pessoas, invade as casas, empesta os alimentos. Mal uma janela se abre, entra a nuvem nauseabunda que o residente aceita como fatalidade, sem desconfiar de que só o desmazêlo a sustenta e protege.

Houvesse a vontade decisiva de exterminar o flagelo, êle desapareceria.

Ora, nunca existiu tal propósito. Pelo contrário, tudo se faz por desenvolver e tornar próspera, intensiva, a cultura do insecto repelente que tolda a atmosfera lisboeta.

A própria Câmara, a quem cabia a iniciativa da campanha de saneamento é a primeira a fazer proliferar numa montureira absurda, única no mundo, as moscas suficientes para devorarem a população inteira.

Junto do Campo Grande o Município edificou com o lixo da cidade um monumento maior que o do Marquez, em elevação e volume, e talvez em falta de graça.

Não lembraria ao próprio Augias tamanha monstruosidade. Uma montanha de estêrco, de putrefacção, de nojo, para supliciar o povo mais sofredor do universo, foi o que ocorreu a qualquer maganão, entre tantos que transitaram pelo palácio do Pelourinho. Ali se fabricam moscas de todos os tamanhos e côres das mais variadas, como ninguém possui em África, Ásia e Oceania.

Entre os fenómenos raros, imprevisitos que da facundia portuguesa surgem de quando em quando, contemos êste como dos tocados por singularidade excepcional. Não se descobre outro capaz de comparar-se-lhe. Assim o cremos e por isso se abre concurso para quem descobrir enfermidade maior.



ROTEIRO HISTÓRICO

A antiga, mui nobre sempre leal e invicta CIDADE DO PORTO

O Porto é o baptistério da Pátria, o remoto Portus, fundado, segundo alguns historiadores antigos, duzentos e trinta e seis anos antes da natividade de Cristo; e a nortenha terra portuguesa que se constitui uma das urbes mais típicas, mais bizarras e mais inéditas da Europa.

O Porto é o centro de actividade do País, o lídimo baluarte do civismo, delectável em pitorescos arrabaldes, que tem por timbre três excelentes virtudes: Heroísmo, Abnegação e Trabalho; e o berço de assinalados varões, entre os quais avulta, o Infante D. Henrique — o grande iniciador da maior Epopeia Oceânica do Mundo.

O Porto é a alcantilada mira Gáia, a sublime eminência portugalense — afamada em pontes e palácios, templos e tórres — que se espelha nas águas do celebrado Douro; e a «Civitas Virginis», de onde se exporta o universalizado vinho da cepa do socalco duriense — licor de Baccho, ambrósia de Deuses, nectar de Portugal!

Agora, escrita a síntese do Porto, narremos a sua evolução.

Logo nos alvares da nacionalidade êle foi maiorecido: D. Afonso Henriques, filho do conde Astorga, e de D. Tareja, princesa de Leão — reedificadores da valiosa Sé portuense — testemunhado por

Egas Moniz, Gaspar Mendes e outros ilustres cavaleiros, por alvará régio, chancelado nas calendas de 1138, delimita o seu burgo «pela Lueda, até à Fonte do Caneiro; e daí, à Mâmoa Pedrosa; e daí, às Penhas da Regueira; e daí, à Esperola; e daí, à Mâmoa Furada; e daí, à Portela do Arrabalde — assim como se divide pelo conto de Cedofeita; e daí, a Pé de Mula; e daí, ao Monte Cativo; e daí, seguindo a divisão de Cedofeita, com Germalde, e depois, pela Cortinha dos Frades; e daí, ao Canal Maior, assim como vai correndo o Douro».

Passadas duas centurias, motivado pela guerra com Castela — na qual praticaram prodígios de valor, o bispo do Porto, D. Vasco Martins; o mestre da Ordem de Cristo, D. Estevão Gonçalves, e o arcebispo primaz, D. Gonçalo Pereira, avô do Condestável D. Nuno Alvares — mandou o rei Afonso IV, que já não encontrara vestígios dos muros erguidos pelo troiano Menelau, se começasse a cercar a cidade com umas fortes muralhas que, depois, por sua morte, foram prosseguidas por seu filho D. Pedro, e mais tarde, concluídas por seu neto D. Fernando, o monarca que mais cuidou das defesas dos seus domínios,

e que, tanto dispendeu na conclusão desta obra, que teve mister de fazer escollar por grandes contingentes de infantes e homens de cavalo, os numerosos carros que transportavam os graves, gentis, fortes, pilartes, petites e alfoneses, que, para custear tão poderosa fortificação, mandára bater na sua casa da moeda, em Lisboa.

Essa extensa cêrca, defendida por muitas tórres ataláias, servida por várias portas e postigos, e formada por altas e ameidadas muralhas, e onde, num nicho a encimar um dos seus arcos, se via aquela devota imagem de Nossa Senhora de Vendome, trazida pelo bispo D. Nuno, quando, pelo século décimo, numa armada da Gasconha, acompanhado de D. Moninho e D. Sisanando, para combater os mouros, aportára ao Douro, começava a desdobrar-se no sítio chamado da Porta Nova, em que formava um ângulo para o poente, e de onde seguia em direcção ao meio-dia, quasi em linha recta, pela margem do rio, até aos Guindais, onde começava a subir pelo nascente, passando pela porta do Sol, e indo rematar na porta de Cima de Vila, para logo começar a descer pela íngreme calçada de Santa Teresa, até à porta dos Carros, então a mais frequentada da cidade, e que tinha sido aberta por D. Manuel, o venturoso rei das Conquistas,

a quem o Pôrto deve a rua das Flores e a fundação da Casa da Misericórdia.

Desta importante porta, continuava a muralha até à porta do Olival, e daí, seguindo para a Cordoaria, começava descendo para se encontrar com as portas das Virtudes e da Esperança, ponto de onde partia a fechar com a já dita Porta Nova.

Com a subida ao trono do Mestre de Aviz, o Infante D. João Henriques, para a qual os portuenses, com Anes Pateiro à testa, tanto contribuíram, raiou para a Invicta uma aura de desenvolvimento e felicidade, porquanto, foi este soberano — de tão boa memória para o povo — o que mais prerogativas e benesses concedeu a esta nobilíssima cidade, na qual, como homenagem de gratidão, realistou as suas bodas com D. Filipa de Alencastre, formosa neta de Eduardo III, da Grã-Bretanha.

A D. João I, ficaram devendo os honrados comerciantes portuenses — a quem classificára de Homens-Bons — a sua primeira casa para reuniões da Bolsa, que mandou edificar na rua de S. Nicolau, à qual, pelas belas construções, chamava a sua rua formosa. Foi nesta aparatosa artéria que mandára abrir junto ao rio, e muito próximo donde construiu a preciosa igreja de S. Francisco que, como a sua contemporânea de Santa Clara, merece o título de templo de ouro, que fez levantar o seu mais preferido paço, do qual, como sagrada reliquia, só existe aquele pequeno corpo da sua parte lateral, onde a tradição diz ter vindo à luz do mundo o «talante de bem fazer» — por seus méritos, General das Armas Portuguesas nas Costas de África, Regedor e Governador da Milícia de Jesus Cristo, Duque de Viseu, Fronteiro-Mór da Comarca de Leiria, Senhor da Covilhã, de Lagos e de Sagre, e Cavaleiro da Real Ordem da Jarreteira, por Henrique VI, de Inglaterra.

Muitas décadas depois, seguindo à Renascença — que tanto ornamento lhe deu que hoje não existe — surge o ciclo de arte de D. João V, D. José I e D. Maria I, em que floresceram o rocóco, o barroco e o néo-clássico. Foi então que se viu opulenter mais o Pôrto. Na eminente colina de Pena Ventosa, o Bispo D. João Rafael, da nobre casa de Vale de Reis, reedifica, junto à Sé, o Paço Episcopal que, depois, o Bispo D. Jerónimo da Costa de Rebelo mais enriqueceu com uma soberba escadaria que passa por ser das melhores do país; e no altivo planalto da Natividade, a Santa Casa da Misericórdia edifica o Hospital Novo de Santo António, que seria um dos maiores edifícios da Europa, se tivesse executado integralmente a planta traçada pelo dr. John Karr, de York, Inglaterra, que lhe demarcara quatro frentes voltadas aos ventos cardiais, e um templo erecto na parte livre central; e a Confraria de Nossa Senhora da Conceição, sob debuxo do célebre architecto italiano Nicolau Nazoni, ergue a Torre dos Clérigos, essa altaneira guia dos mareantes no mais puro barrôco, que nada inveja em elegância e formosura, as suas reputadas congêneres de Bristol, Bolonha e Utreck.

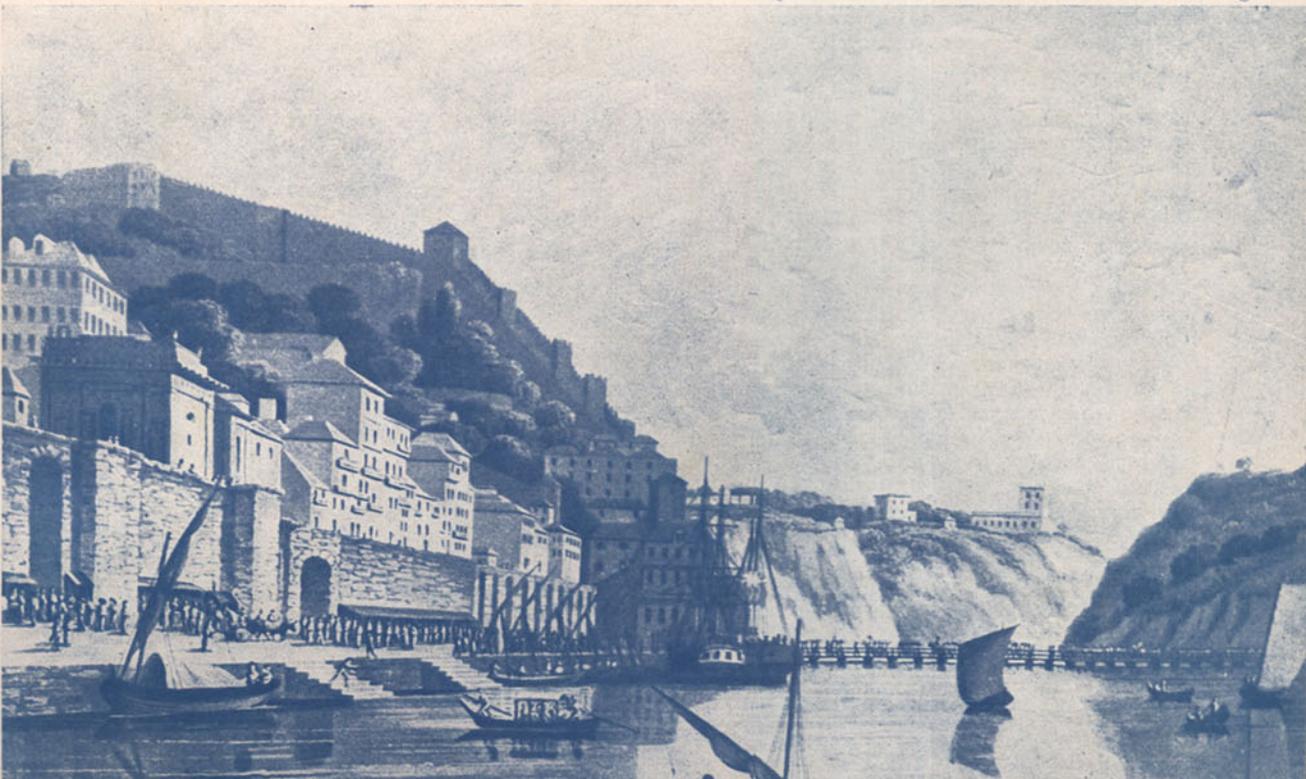
Por êsses tempos de fausto architectónico, foi que se viu também o benemerente provedor D. Francisco de Almada e Mendonça — de igual têmpera do anterior edil do Senado da Câmara, Bento de Aguiar Caldeira, homem de grande iniciativa que havia aformosiado

a cidade com melhoramentos de valor — rasgar as ruas do Almada, de S. João e dos Ingleses; abrir as praças Novas das Hortas e de S. Roque, construir o Teatro de S. João, o Quartel de Santo Ovídio e a Cadeia da Relação; levantar muitas das cento e doze fontes citadinas, e finalmente, executar na desassombrada arribada das Fontainhas, o passeio dêsse nome, que, ainda hoje, é o mais disfrutante miradoiro do Pôrto.

Sucedeu a êsse período notável, um espaço esteril para o desenvolvimento urbano, consequência da invasão napoleónica que muito feriu a cidade, do grito rebelde do Epiranga que bastante lesou a praça portuense no seu comércio com o Brasil, das lutas liberais em que o Pôrto teve a mais preponderante acção, e das sucessiveis agitações de Cabral, de Passos, de Antas e da Pafoleia, que tanto atormentaram a vida de D. Maria II, e que, felizmente, terminaram com a vinda da Regeneração inaugurada por D. Pedro V, em cujo esperançoso reinado se deu à Invicta o Palácio da Bolsa, o Mercado do Bolhão, o



Rua Nova da Alfândega (1834) — (Desenho do barão de Forrester)



Muralha fernandina dos Guindais à Ribeira e Ponte das Barcas (1809)

Jardim de S. Lázaro, o Hospital Militar, a Casa da Alfândega, e se começou a rasgar, no perímetro citadino, uma teia de extensas artérias com os nomes dos caudilhos do constitucionalismo, como sejam: as ruas Fernandes Tomaz, Sá da Bandeira, Duque de Saldanha, Coronel Pacheco, Conde das Antas, Duque da Terceira, Costa Cabral, Gonçalo Cristóvão, e tantas outras que ainda hoje são as vias que melhor estabelecem o trânsito e as ligações da cidade.

Finado êsse tão bom quão infortunado rei, deu-se continuidade a tôda essa fecunda obra, pelo reinado fóra de seu irmão D. Luiz I. Então, além de se executarem as estátuas de D. Pedro IV e de D. Pedro V, o passeio da Cordoaria, o Palácio de Cristal, o Hospital do Conde Ferreira e o Mercado do Peixe, foram edificadas as estações de Campanhã e da Boa Vista — por sua vez, testas das linhas férreas do Minho e Douro e da Póvoa a Famalicão — e levantadas as pontes metálicas de D. Maria Pia — engenhada por Eiffel —, e de D. Luiz I — executada por Villedobro — que vieram resolver o problema das comunicações directas do norte com o resto do país, e iniciados os trabalhos do Pôrto de Leixões que, depois, concluído, sem os perigos da barra, muito facilitou o tráfego marítimo da importante praça portuense.

Finalmente, as agitações políticas dos tempos de D. Carlos e de D. Manuel, e dos primeiros anos da República, deram ao Pôrto mais um outro período de estagnação urbana, que só findou quando Elísio de Melo — prestimoso vereador da fibra de Rosa Araujo, édil lisbonense — começou a abertura da Avenida das Nações Aliadas — ponto inicial de uma era de desenvolvimento citadino.

Por sermos como o triste Malhão do Pôrto natural, muito fôgariamos de ver o desenvolvimento futuro desta «Cidade da Virgem», linda terra sem igual, subordinar-se a um plano regulador de conjunto, como é racional.

Como à primeira vista parece, a sua execução não será difícil. O Pôrto, com um perímetro rústico cinco ou seis vezes maior do que o urbanizado, não está tão erigido de colinas como Lisboa, pois dilata-se, a principal parte dêle, em dois vastos planaltos que têm entre si um vale que se dilui na linha transversal da Trindade, anteposta a terrenos que vão em suave trainel, em recta, até à estrada de circunvalação, circunstância providencial que lhe permitiria o proseguir facilmente com a Avenida das Nações Aliadas, traçada pelo técnico inglês Barry Parker, ponto inicial de partida dêsse mesmo plano, por quanto, seria nos flancos à direita e à esquerda dêsse indispensável proseguimento que, nas enormes zonas por urbanizar, se constituiriam os melhores bairros desta cidade.

Seria lamentável que, depois de ter gasto tanto dinheiro em tão belos edificios e em tão dis-

pendiosas expropriações, se ficasse por esse labirinto da Igreja da Trindade — que bem poderia ser deslocada para um dos seus novos alinhamentos — e não prosseguissem com essa avenida, de maneira a que cortando, de meio a meio, a aria citadina, deixasse de ser simplesmente um lindo mas curto trecho arquitectónico, para se tornar uma coluna dorsal da cidade, em que distribuíssem o principal transitu portuense, por forma a aliviar o que já se está fazendo com certa dificuldade, pelas ingremes ladeiras dos Clerigos e de Santo Antonio, pois logo que a fizessem prosseguir, todo o grande movimento da cidade, seria distribuído ao longo dessa artéria que, pela sua extensão e pela sua perspectiva, ficaria sendo uma das mais surpreendentes do mundo.

Para bom complemento dêste plano geral de melhoramentos, deveria demarcar-se, com precisão, os locais dos seus novos jardins, escolas, templos, hospitais, mercados, balneários, estádios, etc.; assim como, ao tópo da prosseguida avenida — que, uma vasta praça, de forma elíptica, cortada transversalmente, por uma ampla alameda, terminaria na circunvalação — indicar-se um grande bosque ou parque florestal, englobando Leça do Bailio, Monte de Burgos, Senhora da Hora e o indigitado campo de aviação, sempre ladeado por aquela alameda transversal, até ir parar a Matozinhos; conseguindo-se, assim, dar à urbe o seu melhor abrigo, o seu melhor recreio e o seu melhor depurador.

Caso o realizem, não deveria esquecer a locomoção ferroviária que é, por assim dizer, uma das principais conveniências públicas. Reconhecida, como está, a deficiência da Estação de S. Bento, para satisfazer o trânsito viário futuro, facto que obrigará em muito breve a ser exclusivamente utilizada para tramueis, e também, a necessidade de dotar a cidade com novas estações, três gares deveriam ser por esta maneira localizadas: a primeira, testa da linha sul e do Minho e Douro, no alinhamento do lado do nascente do já referido proseguimento da avenida dos Aliados; a segunda, cabeça da linha da Póvoa a Famalicão, em frente desta, no alinhamento oposto; a terceira, comercial, com o fim exclusivo

de servir o tráfego mercantil, terrestre e fluvial, enfrentando a linha férrea já existente, junto á Rua Nova da Alfândega, melhoramento que deveria dar ensejo a rectificar, desde aí, tôda a margem norte do rio Douro, por forma a que, a pouco e pouco, se conseguisse dotar o Porto com uma avenida marginal, com três pistas para trânsitos parciais, até ao já bem frequentado porto de Leixões.

Em resumo, seguindo as boas normas do Barão de Haussmann, quando, no tempo de Napoleão III, transformou Paris, deveria começar-se êste plano, por indicar, no enorme perímetro citadino, os pontos primordiais que, quanto possível subordinadas ao aqui sugerido prolongamento da Avenida das Nações Aliadas, deveriam ser atingidos por amplas artérias de ligação que, em recta única, ou em curvas graciosas — como o terreno o permitisse — facilitariam as precisas comunicações, e que, terminadas por espaçosas rotundas (etoiles), melhor ordenassem a distribuição dos transitos cruzados.

Ao terminar de expôr estas coisas sobre o passado, o presente e futuro do Porto, não queremos deixar de relembrar um episódio de rara beleza moral, que muito enobrece a gente portuense: «Pelo ano de 1415, saíu das agitadas águas do Douro, com destino a Lisboa, uma empavesada e lusidia armada, com que a generosa população do Pôrto, prendára o seu amado rei D. João I, para assim o auxiliar na sua empresa da conquista de Ceuta. Comandava essas naus o Infante D. Henrique, o qual, acompanhado de seu pai e seus irmãos D. Duarte e D. Pedro, devia partir do glorioso Tejo, num esplêndido conjunto de duzentas e vinte velas. Então para que nada faltasse aos que abalavam, ofereceram-lhe tôdas as boas ucharias e viandas dos seus açougues, alimentando-se os que, com saúde, ficaram unicamente com os desperdícios sem valia, que bem duros eram de tragar, e é esta a proveniência da honrosa alcunha dada aos filhos «lá da leal cidade, donde, teve origem, como é fama, o nome eterno de Portugal!»

E. Raposo Botelho.



O Porto no século XIV
— (Gravura impressa por R. Wilkinson)

Àcerca do novo livro

“É a guerra”

de Aquilino Ribeiro:

AQUILINO RIBEIRO, formidável prosador, é dono de vasto jardim literário. Colhe às braçadas e espalha-as prodigamente, em gesto pagão, rosas das mais coloridas, mais belas, mais cheias de viço que o idioma tem dado. E os seus canteiros não são apenas de formas opulentas, mas também de essências variadas e perduráveis. Há almas, há tipos humanos que Aquilino tornou para sempre inexecutíveis. Na sua inquietação, o artista singular vem da montanha, onde vegetam espécies silvestres, que ele cuida com particular carinho, até o mar, onde o homem, queimado pelo sol, viscoso pela faina, é um pouco como essas algas que as ondas arrojam às praias. Aquilino não quer repetir-se; buscando outro alegrete, a sua imaginação emigra; leva-nos a Espanha, a França—e o seu pincel admirável vai marcando, com os instintos que sacodem os corpos, com as ambições que roem os espíritos, com as paisagens que embriagam as pupilas, quadros de soberba mestria.

Agora, Aquilino renovou, de forma ainda mais completa, os seus temas. Dá-nos a guerra. Quem passar desprevenido, de ânimo ligeiro, superficial, e topar nas montras o seu último livro, poderá encolher os ombros: «Ora, a guerra! Já lá vão vinte anos...»

Não pensará, porém, assim, quem se debruçar sobre estas páginas frementes, admiravelmente escritas, mesmo quando um toque de paixão poderia ameaçar o equilíbrio do labor literário.

Não há velhice no tema. Aquilino, com o seu pujante talento, soube ressuscitar o motivo, actualizá-lo, sacudir-lhe a poeira. Desde o título, que sugere logo a avalanche

humana, os que fogem, as almas desarrumadas, o vendaval de pânico que varre ruas e espíritos, tudo parece novo, coisa de hoje, do momento que se vive, do momento que se vai, talvez, viver... Quem lê, depressa esquece as duas décadas esgotadas.

Eu não sou dos que badalam nova guerra para breve e vão criando assim, às vezes inconscientemente, nas células mais fracas, cama propícia ao monstro. O livro de Aquilino, por outras vias, ajuda a reagir. O seu anti-belicismo é uma das suas muitas virtudes. A trechos, êle desmancha, com estranha ironia, a máquina sinistra, que procura justificar a sua existência com ôcos e farfalhantes conceitos. Referindo-se aos cavalos que a França vai mandar para a guerra, escreve:

«À beira, porventura, dum dos fontanários de Wallace, que matam a sede e rogam aos carreiros: *soyez bons pour les animaux*, o sargento picador virá escolher aqueles que são boa carne para canhão. Na escala animal apenas o homem e o cavalo gozam deste privilégio. Por isso também a êles erigem estátuas nas praças públicas...»

A acção da Bélgica na contenda é dada por prisma inédito na nossa literatura de guerra. Aquela Bélgica mártir, que modelou sua corôa de glória e simpatia universais com o sangue dos seus soldados, podia não ter deixado um único cadáver na arena.

Mas o essencial do livro não é isto. O essencial é o que de humano perpassa nas suas páginas e se fixa e se grava como em bronze: umas vezes com traços grotescos, outras, com contornos de tragédia.

Haverá, decerto, quem discorde deste ou daquele passo da obra. Até aqui, entre nós, a assembleia parecia estar de acôrdo sobre os caboucos da luta e suas traves mestras. Assim, a voz que destoa, a voz que se

ergue solitária, causará surpresa, sem dúvida. Mas nisto mesmo há o mérito de levar os que já haviam cancelado definitivamente o assunto a dar-lhe outro balanço, a repesá-lo, em busca duma verdade mais profunda. O livro é um depoimento pessoal—grita o autor; e é também, podemos dizê-lo, um extraordinário documento. É possível que se Aquilino se encontrasse da outra banda da fronteira só tivesse de mudar o nome das ruas e dos figurantes. O material humano devia ser, mais coisa,



Aquilino Ribeiro

menos coisa, muito semelhante, quando os instintos se apossavam dele, dando vida nova a sentimentos cavernários. Mas Aquilino é o primeiro a confessá-lo e a prometer o reverso da medalha.

Literariamente, o livro ocupa também lugar singular na bibliografia da guerra. Não é a crônica das trincheiras, fervida já em muitas línguas e esgotada na curiosidade do espectador; é a crônica originalíssima duma das duas grandes cidades europeias onde se manipulavam, com subtis ingredientes, as ideias e obrigações que às trincheiras eram impostas. Paris não encontrou, com certeza, entre os seus, escritor que lhe desse retrato mais nítido, mais obcecivo, ora dramático, ora pitoresco, simultaneamente trágico e caricatural do que lhe deu Aquilino. Há, por vezes, uma súbita reacção do grande escritor português, que um francês não teria? Há. Mas logo o seu espírito se abre em compreensão, levado pela certeza de que a Humanidade, ali, não pode ser totalmente diferente, em virtudes e defeitos, da que pulula no resto do planeta. Páginas magistrais abundam neste livro, tão nítidas em forma e em verdade que ninguém, sobre o mesmo tema, as escreveria melhores, em qualquer país do mundo.

Aquilino Ribeiro, quaisquer que sejam os caminhos trilhados pelo seu espírito, é sempre um extraordinário, um fulgurante prosador, cada vez mais rico de beleza, cada vez mais transparente o cristal com que trabalha. O verbo submete-se integralmente ao seu prodigioso talento, adquire uma plasticidade admirável e vai traduzindo, sem acusar jámais qualquer dificuldade, o objectivo e o subjectivo, o corpo e a alma, a matéria e a essência.

«É a guerra» é mais uma prova dessa enorme faculdade de Aquilino Ribeiro.

Ferreira de Castro.



A gravura que orna a capa do livro «É a guerra» de Aquilino Ribeiro foi deenhada pelo pintor belga Mantia

A morte de Plácido de Abreu

O ÚLTIMO ACTO DA TRAGÉDIA DE VINCENNES



Plácido de Abreu, na própria tarde do torneio mundial de acrobacia, fotografado para a revista alemã «Moment»

REPOUSAM já em terra portuguesa os restos mortais de Plácido de Abreu, o grande aviador que um desastre brutal vitimou quando em Vincennes competia com os maiores ases mundiais da acrobacia aérea.

O seu funeral constituiu uma justa e sentida homenagem não só por parte das autoridades, mas sobretudo pela população de Lisboa, que lhe dispensou uma merecida apoteose. Plácido de Abreu conquistara, com a sua vida de heroísmo e o sacrifício da própria existência, o direito a essa homenagem suprema.

A urna que continha os restos do infeliz aviador foi transportada de Paris para Lisboa num grande trimotor da aviação comercial francesa, tripulado pelos tenentes aviadores Polart e Rocaborg, e gentilmente cedido para esse efeito pelo Ministério do Ar francês.

A chegada deste avião ao aeródromo da Amadora, no passado dia 18, constituiu um acontecimento citadino que fez acorrer aquele campo uma enorme multidão desejosa de render o seu preito de saudade e admiração ao heroico aviador.

O trimotor francês, que levantou vôo de Paris cerca das 9 horas, fez escala em Leão para se reabastecer de gasolina. Voltou a descolar deste aeroporto espanhol às 14,15, tendo no percurso para a Amadora sobrevoado o mosteiro da Batalha, onde se encontra o túmulo do

O aparelho de Plácido de Abreu no momento de chocar com o solo no campo de Vincennes

Soldado Desconhecido português. Fez-lhe escolta o avião «Monteiro Torres» tripulado pelo tenente-coronel sr. Ribeiro da Fonseca. Dos restantes aviões que faziam parte da esquadilha enviada a França veio também o «Vickers 21» do capitão sr. Moreira Cardoso, que aterrou na Amadora com cerca de meia hora de avanço por ter seguido um itinerário mais curto. Os restantes quatro ficaram retidos em diversos pontos do percurso por ligeiros acidentes.

A aterragem do trimotor na Amadora realizou-se cerca das 18 horas. A enorme multidão que enchia as imediações do campo viveu minutos de extraordinária emoção quando o aparelho conduzindo a urna tocou no solo português.

Desembarcado o féretro, é este colocado num automóvel de transportes fúnebres. A guarda de honra está com as armas em funeral, apontadas ao solo. No silêncio respeitoso que paira sobre os espectadores, são vibrante o sentido, a marcha de continência.

Organiza-se o cortejo até à entrada do aeródromo. A frente os clarins, a seguir filas de soldados ladeando o carro funerário, e atrás deste

o general sr. Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, oficiais da aviação e algumas centenas de pessoas de todas as classes sociais.

Dali o auto-fúnebre toma o caminho de Lisboa, chegando cerca das 20 horas à igreja de Santo António da Sé, onde o corpo fica depositado até ao momento do funeral que se efectua no dia seguinte. A urna é conduzida para o interior do templo aos ombros de alguns camaradas do morto. No transepto ergue-se uma eça dourada, sobre a qual a urna é colocada e coberta depois com a bandeira nacional, sobre a qual é deposto o «kepi» do infeliz aviador envolto em crepe.

O funeral realizou-se no dia seguinte e foi assinalado pela homenagem que o Governador Francês entendeu dever prestar à memória do «ás» português. A título póstumo, Plácido de Abreu foi condecorado com o grau de cavaleiro da Legião de Honra. As respectivas insígnias foram colocadas sobre o ataúde pelo encarregado dos negócios da França, sr. D'Hibouville.

A's 15 e 30, a urna foi retirada da igreja aos ombros dos oficiais da aviação, srs. coroneis Cifka Duarte e Norberto Guimarães, comandantes



José Cabral e Cunha e Almeida, capitães Pais Ramos, Amado da Cunha e Metelo, majores Português e Cabrita, capitães Pinto da Cunha, Sérgio da Silva e Gonzaga e tenente Lino Teixeira.

Transportou a urna um armão do Trem Hipomóvel. Deputações de todas as unidades da guarnição de Lisboa incorporaram-se no cortejo, em que seguia também grande número de carros carregados com coróas.

O préstito chegou ao cemitério da Ajuda pelas 18 horas. Depois de feita a encomendação do corpo na igreja do cemitério, foi a urna conduzida para o jazigo de família. Junto deste falou o sr. D'Hibouville, em nome do ministro da França. Respondeu-lhe o general sr. Daniel de Sousa que em breves palavras agradeceu a homenagem prestada pela França ao nosso valoroso piloto.

Enquanto os bombeiros atacam o incêndio do «Avro», o comandante Lelo Portel, adido aeronáutico em Paris, retira da carlinga o corpo do seu infeliz camarada

Assim terminou o último acto da tragédia em que foi protagonista o grande «ás» da aviação mundial que se chamou Plácido de Abreu.



CEQA 22/2021

O funeral do aviador Plácido de Abreu



Ao ALTO: O trimotor francês, que trouxe de Paris, os restos mortais de Plácido de Abreu, ao aterrar na Amadora

A' ESQUERDA: A viúva do desditoso piloto, amparada por dois camaradas do extinto, a caminho do trimotor

EM CIMA: O último turno na igreja de Santo António da Se

EM BAIXO: A urna conduzida aos ombros dos aviadores à saída da igreja e o préstito fúnebre passando na praça do Município





A POESIA PORTUGUESA



Maria da Conceição

MARIA da Conceição,
Vi-te ontem na procissão
E duvidei do que via,
Pois quando por ti passei
Olho em volta e reparei
Que toda a gente se ria!

De ti, sim, de ti, cachopa.
Seja embora a tua boca
Fermelha como a romã,
Embora a face trigueira
Tenha um rosado à maneira
De saborosa maçã.

Embora o corpo delgado
Lembre um lírio delicado
E tenhas um lindo olhar,
Eu juro que foi de ti
Que todos riram e eu ri
Quando te vimos passar.

Maria da Conceição,
Ou tu perdeste a razão,
Ou então, foi bruxaria!
Um chapéu nessa cabeça!
Mas tu queres que eu endoideça
Oh minha pobre Maria

da Conceição! Mas que horror!
E dize cá, por favor,
Quem te vestiu esse fato
Que o corpo te deformou,
Que as ancas te escangalhou
Dando-te um vago ar de pato

Marreco? Ai não, Maria,
Decerto ninguém diria,
Vendo-te na procissão,
Que tu és certa pequena
De linda cara morena,
Maria da Conceição!

Teu corpo só bem se ageita
A' larga saia bem feita,
Que ao corpo te dá esbelteza.
E na cabeça formosa,
Em vez dum chapéu de roda
A chita bem portuguesa.

Maria da Conceição
Sai-me já da procissão
Pois até Nosso Senhor
Se te vê dessa maneira,
Sendo embora de madeira
Pode fugir do andor!

Desce dos saltos donzela
E calça a tua chinela
Que tanto te alinda o pé.
A gente deve na vida,
Não andar nunca iludida
E ser apenas quem é.

Calça a chinelinha, calça,
Põe o lenço de Alcobaça
A saia de flanela,
Teu negro chale de tricãna;
Pois tu és ribatejana,
Pois tu Maria, és aquela

Nascida nesta paisagem,
Criada com esta aragem
Que faz a mulher formosa.
E em paisagem bravia,
Nunca pode ir bem, Maria,
Esse chapéu, essa rosa!

Volta depois. Sem vaidade.
Eu amo a simplicidade,
Gosto de ti sem mentira
Sem pose, sem presunção,
Maria da Conceição
De Vila Franca de Xira!



D. Alice Ogando

Maria na romaria

VI-TE ontem na romaria,
Estavas tão linda, Maria,
Tão airosa, tão tajul!
Mas quem te disse, pequena,
Que à tua cara morena
Ia tão bem o azul

Forte, aberto, assim berrante,
E que ao teu corpo galante
De rapariga bonita,
Dava uma certa esbelteza,
A rodada singeleza
Da tua saia de chita?

Esse corpete apertado,
Por um cordão atacado,
Teu busto em relêvo pós.
Lembras assim, tão airosa,
Uma ânfora formosa
Feito em barro de Estremoz.

Eu vi um certo Manel,
Estar a comprar um anel,
Ali, na quinquilharia,
Para depois, em segredo,
O ir enfiar no dedo
Da mais formosa Maria

Dona da saia de chita,
Tão garrida, tão catita,
Rodada como um balão,
Que no corpete, ajustado,
Quási mostra desenhado
O seu próprio coração.

Depois, entraste na ermida,
Ficaste p'ra lá, perdida,
Olhos fitos, a rezar,
E eu percebi, Maria,
Que a própria Virgem sorria
De cima do seu altar,

Voltaste. Vinhas corada,
Com a cara afogueada,
Como se o sol a beijasse,
Ou como se o teu segredo,
Que a Virgem dissésse a medo,
Toda a gente adivinhasse.

Olhaste, muda, o anel.
Olhaste, alegre, o Manel.
Estavas tão linda, Maria!
Que bastava o teu sorriso,
Nada mais era preciso
P'ra alegrar a romaria.

As ancas fortes movendo
O peito erguido contendo
Em apertado corpete.
Saia vermelha rodando,
Quando tu ias passando
Lembravas um ramalheite

De papoilas encarnadas.
Ou então bocas beijadas
P'lo beijo do sol ardente.
A tua boca cheirava
A vida, a mel, endoidava
A alma de toda a gente.

Vais longe. Já mal te vejo.
Paráste. Dêste-lhe um beijo.
Quási o meu olhar te perde.
Mas gostei da romaria,
Da tua saia, Maria,
E do seu barrete verde.

Alice Ogando.

(Três poesias do livro «Marias da minha terra» que brevemente é pôsto à venda).

Maria da Soledade

OUVI cantar no choupal
A tua voz feiticeira.
— Um rouxinol, tal e qual
Vestido de lavadeira.

Que triste canto se ouvia!
Trites lembranças choravas.
Água dos olhos caía
Na roupa que tu lavavas.

Maria da Soledade,
Já te ouvi cantar um dia
No Penedo da Saúde,
Certa cantiga, Maria,

De mais alegre cantar.
Falavas d'amor, talvez,
Mas nem estavas a chorar
Nem lavavas, dessa vez.

Negra capa de estudante
Teu esbelto corpo abraçava,
E Maria, neste instante
Só a tu'alma cantava.

Promessas loucas d'amor,
Sem descanso nem cansaça,
Só cantava em seu louvor
A tua voz, lavadeira

Que já te julgas rainha!
Manto negro, côr da noite,
Pareces uma andorinha
Que à luz do luar se ajoite.

Mas uma quadra, Maria,
Em quatro versos sômente,
Faz nascer muita agonia
Dentro da alma da gente.

Porque tu és feiticeira,
É bonito o teu amor.
Mas também és lavadeira
E Ele, Maria... é doutor.

Maria da Soledade
Que triste cantar o teu!
Maldita seja a maldade
Do amor que te perdeu.

Mas sendo doutra maneira
Tu não choravas de amor...
— E o teu pranto, lavadeira,
Torna o Mondego, maior!



Reportagem gráfica da quinzena

Recordando o passado — Recentemente reuniram-se em Coimbra os cursos que em 1899-1904 frequentaram a Universidade, celebrando o 30.º aniversário do último ano da vida académica. A reunião decorreu no meio de grande entusiasmo, tendo-se realizado um banquete onde houve vários discursos cheios de recordações dos tempos que não voltam. À porta da Universidade tirou-se depois a «clássica» fotografia. Entre os assistentes figuram os srs. drs. José Caeiro da Mata, ilustre titular da pasta dos negócios estrangeiros, Ruy Ulrich, embaixador de Portugal em Londres, monsr. José Manuel Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais, Francisco Correia Pinto, cónego da Sé do Porto e ilustre orador sagrado



No Grémio Literário — A convite do conselho director do Grémio Literário, ao qual preside o nosso querido amigo sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, realizou, ha dias, na sala daquela colectividade uma notável conferência o sr. Eugéne de Barys, ilustre professor da Universidade de Bruxelas, sobre «O simbolismo económico e a origem das crises gerais». O conferente que foi escutado por numerosa e selecta assistência, confessou-se amigo de Portugal e admirador dos esforços feitos no nosso país, sobretudo nos últimos anos, de reconstrução económica e financeira. No final, a assistência aplaudiu demoradamente o distinto catedrático, que, no decorrer da sua conferência desenvolveu com proficiência o tema do seu interessante trabalho. Nas gravuras, damos o conferente e a mesa, composta pelos srs. dr. João Emauz Leite Ribeiro, que presidiu, e Alvaro Santos Lima e Filipe Leitão

A festa do «Colete Encarnado» — Em Vila Franca — a Sevilha portuguesa — efectuou-se, ha dias, a festa do «Colete Encarnado», que constou de feira de gado, corridas de touros e respectivas esperas, e jantar à ribatejana. De todas estas festas a que decorreu com maior entusiasmo, à parte as esperas, foi o jantar. A êle concorreu grande número de famílias conhecidas. As gravuras, que abaixo publicamos, dão bem a nota do que foi essa típica refeição, que foi servida em pequenas mesas, durante a qual foram executadas danças e cantos da região →





O «Espadarte» no momento de entrada na água

REVESTIU-SE de grande solemnidade a cerimónia que há dias se realizou nos estaleiros Vickers, em Barrow-in-Furness, para o lançamento à água dos grandes submarinos portugueses «Golfinho» e «Espadarte», que fazem parte do programa naval em execução.

Os estaleiros ofereciam um vistoso embandeiramento e junto às proas dos novos barcos, elevavam-se duas tribunas engalanadas.

Os convidados eram em grande número: tódá a oficialidade da Missão Naval Portuguesa, com o seu chefe, capitão de mar e guerra sr. Almeida Henriques, o sr. brigadeiro Peixoto Cunha, com os oficiais da missão do Exército, major Maia, com oficiais da missão de aviadores, oficiais da Missão Naval Brasileira, que fiscaliza o acabamento do navio-escola destinado ao Brasil; almirante Talbot, em nome do Almirantado Inglês, a oficialidade britânica que acompanha o acabamento do cruzador inglês «Ajax», o Lord-Maior de Barrow, autoridades militares e navais de Barrow, consul de Portugal nesta cidade, os jornalistas Artur Portela e Maurício de Oliveira, pessoal superior da embaixada de Portugal em Londres, David Zagury, delegado em Lisboa da Vickers, António Mendonça, director da Casa de Portugal em Londres, coronel Lucas, senhoras portuguesas, inglesas e brasileiras, etc.

Junto às tribunas, duas filas de alunos da Escola de Marinheiros prestavam honras. Os estaleiros estavam cheios de operários e suas famílias. Os dois submarinos arvoravam bandeiras portuguesas à proa, inglesas à popa e nas torres, o pavilhão da Vickers.

O sr. embaixador de Portugal e sua esposa foram recebidos por todas as autoridades presentes, dirigindo-se imediatamente para as tribunas.

Madame Nuno Brion, esposa do futuro comandante da esquadra, baptizando o «Espadarte».

A ARMADA

O que foi a cerimónia dos novos submarinos

O sr. Craven, director da casa construtora Vickers, convidou então a sr.^a D. Veva de

Lima, esposa do embaixador de Portugal em Londres, e madrinha do «Golfinho», a quebrar a garrafa de champanhe contra a proa daquele submarino.

O navio começou, em seguida, a des-

lançamento do «Espadarte», de que foi madrinha a esposa do sr. comandante Nuno de Brion. Ao deslizar o barco, foram executados os hinos português e inglês escutados em religioso silêncio por perto de 3.000 pessoas. A bordo do «Espadarte», seguia o sr. comandante Nuno de Brion. O sr. dr. Rui Ulrich e as madrinhas dos dois barcos saíram o



Vista aérea dos estaleiros Vickers, onde se estão a construir os novos submarinos e a artilharia para tódá a esquadra

lizar, no meio dos acordes da «Portuguesa», perante grande entusiasmo da assistência, que rompeu numa vibrante salva de palmas, enquanto os operários saltavam vivas.

O «Golfinho» levava a bordo, o sr. tenente Ferreira de Oliveira e vários operários. O sr. Craven erguia também nessa altura calorosos vivas à madrinha do submarino.

Sete minutos depois do «Golfinho», entrar na água, procedeu-se à cerimónia do

sr. comandante Craven, que soltou depois vivas a Portugal.

Após a cerimónia do lançamento dos barcos, efectuou-se um almoço de 150 talheres, a que presidiu o sr. Craven, ladoado pelos srs. embaixador de Portugal e esposa, almirante Talbot e Lord-Maior de Barrow. Antes dos brindes, o padre Bealhan deu as graças, segundo o costume característico inglês. Foram aclamados pelos convivas e nomes do rei Jorge V



PORTUGUESA

dos lançamentos à água «Golfinho» e «Espadarte»

dos srs. general Carmona e Getúlio Vargas, respectivamente Presidentes das Repúblicas Portuguesa e Brasileira. Na altura dos brindes, usou da palavra o sr. general Lawrence, que saudou o nosso país em nome da casa Vickers e pôs em relevo a situação prospera de Portugal.

— São estes — disse — o 165.^o e 166.^o

dar trabalho a muitos operários que se encontravam desempregados. Em nome deles agradeço ao Governô Português.

O sr. almirante Talbot manifestou, depois em nome do Almirantado, o vivo interesse com que a Inglaterra segue o ressur-



Os estaleiros e as tribunas, no momento do «Golfinho» deslizar pela carreira, visto do alto dum poderoso guindaste

submarinos que lançamos à água. Estamos certos de que vão ficar em boas mãos, ou seja, nas mãos experimentadas dos marinheiros portugueses. Portugal tem sido um velho e leal amigo de Inglaterra. Durante a Grande Guerra nós encontrámos não apenas o auxílio material português, mas também a sinceridade com que nos foi prestado. A encomenda que recebemos de submarinos para Portugal veiu

gimento da nossa armada. E acrescentou: — Portugal arma-se, não para a guerra, mas para auxiliar a Inglaterra a manter e assegurar a paz e também para prestigiar o nome português nos oceanos e no seu vasto império colonial.

O almirante Talbot terminou bebendo pelas prosperidades dos seus irmãos, oficiais de Portugal.

O sr. dr. Rui Ulrich proferiu, em correcto inglês, um elegante discurso pleno de elevação patriótica. Falou da reorga-



Um aspecto do lançamento do submarino «Golfinho»

nização da vida portuguesa e agradeceu

as referências elogiosas feitas a Portugal pelos oradores antecedentes. Uma frase:

— Como muito bem disse o sr. almirante Talbot, o meu país não se arma para lutas porque quer viver em paz com o mundo e até consegue viver assim com os seus vizinhos mais próximos.

Depois de afirmar que, de facto, o rearmamento naval português não deve ser indiferente à Inglaterra, o nosso embaixador acrescentou:

— Esta festa de hoje marca o assentamento de mais uma pedra nessa obra grandiosa que é a armada nova de Portugal.

Ao terminar, exprimiu-se em termos de caloroso elogio para a Inglaterra e sua gloriosa história.

No final, o sr. comandante Craven ofereceu, às madrinhas dos barcos, artísticas jóias como recordação da cerimónia.

O almoço terminou por entre aclamações a Portugal, Inglaterra e Brasil.

Antes da partida para Londres o sr. embaixador de Portugal e restantes convidados, visitaram os estaleiros da casa Vickers, onde trabalham 10.000 operários, e observaram ali o funcionamento da artilharia anti-aérea destinada aos fortes da defesa de Lisboa, algumas dezenas de canhões destinados aos novos navios portugueses e de uma maneira geral todo o material de guerra que ali se está construindo e que atesta a capacidade de produção daquele grande arsenal.

Os jornalistas portugueses, acompanhados por David Zagury, visitaram demoradamente os estaleiros, não ocultando a impressão que lhes causaram a sua grandesa e o seu funcionamento.

Dos três submarinos em construção o «Delfim» será entregue ao Governô em 5 de Outubro, o «Golfinho» e o «Espadarte» em Janeiro ou Fevereiro.

A embaixatriz de Portugal sr.^a D. Veva de Lima Ulrich, em Inglaterra procedendo ao baptismo do «Golfinho»

OS "FRESCOS," DO PINTOR SOUSA LOPES

PARA todos os que se interessam por Arte, pela nossa Arte Nacional, deu-se agora um facto, que não pode passar despercebido e que merece a maior atenção dos portugueses.

Adriano de Sousa Lopes, o grande pintor, mestre de primeira grandeza, realiso no seu «atelier» a exposição dos seus primeiros trabalhos a fresco. Nêsse ambiente de Arte, rodeado pelo rumor do arvoredo do antigo parque real, eu senti, ao levantar a cortina e entrar a porta, uma das mais fortes sensações, que a Arte da pintura, que a mim, leiga no assunto, mas admiradora apaixonada, me tem dado. Eu conhecia os frescos pompeianos, admiravelmente conservados no Museu Nacional de Nápoles, a sua beleza teve-me horas presa do maior encantamento, pois não hesito em dizer, que não foi inferior a minha impressão em face dos frescos do nosso pintor.

Sousa Lopes é um pintor moderno, no sentido bom da palavra «moderno» é um pintor que como técnica conhece profundamente a sua Arte, que tem na sua alma a verdadeira inspiração que dá uma enorme poesia às suas obras, e, que sabe desenho e conhece a anatomia. As suas figuras humanas tem ossos, músculos, carne e vida. Os seus frescos modernos, teem parentesco com as maravilhas frescas da antiquíssima Pompeia. A arte de pintar a fresco tinha desaparecido, sobretudo entre nós. Essa arte florescente na Grécia e em Roma e que a Renascença coroou de maravilhas, e de que tantas ainda existem, sobretudo nessa Itália de sonho, verdadeiro país de arte; tinha sido muito abandonada e pode dizer-se, tinha-se perdido o segredo da construção das paredes em que a pintura pode ser aplicada. Sousa Lopes estudou, pensou e conseguiu refazer um cimento, chamemos-lhe assim, em que o fresco ressaíu e



a pintura pode ter a duração de séculos. Esse invento traz-nos um ressurgimento da pintura a fresco, que tem a maior importância na arte decorativa moderna, e, que tão bem se casa com a elegância e simplicidade das decorações e que será em qualquer palácio, uma manifestação deslumbrante de Arte.

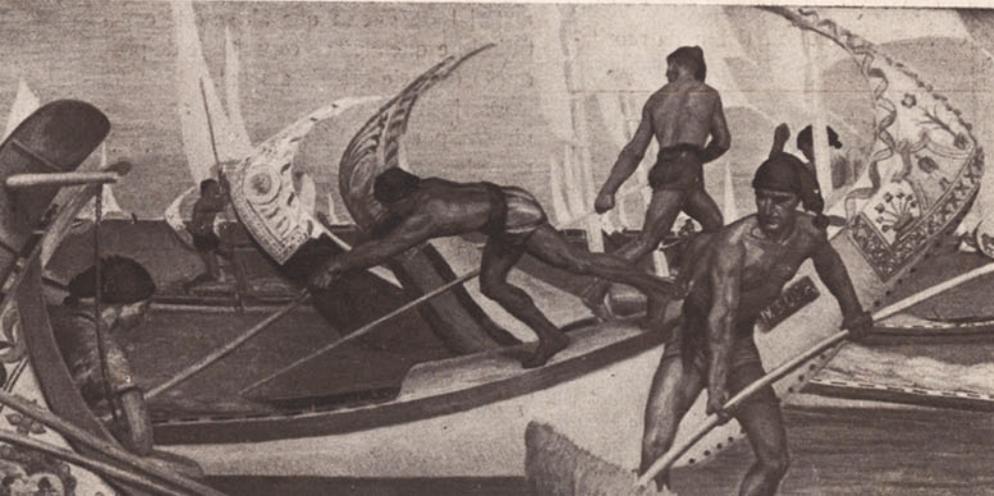
O que são êsses frescos, podem-no avaliar as nossas leitoras, que não tiveram a felicidade de os ver quando estiveram expostos, pela reprodução de duas das magníficas fotografias de São Payo, êsse verdadeiro artista fotográfico.

«Os moliceiros», é o título do magnífico tríptico que Sousa Lopes apresentou na sua exposição admirável. Nêles nós vemos dado todo o encanto da ria de Aveiro, tóda a sua poesia, nos rudes trabalhos dos homens do mar, que vivem sôbre a água e nela tiram o seu alimento e o seu ganha-pão. Cada um dêles nos dá uma fase do trabalho, e, uma luz diferente das várias horas do dia. Num dêles sentimos a manhã, nas águas azuis bem iluminadas e no aspecto dos corpos, que começam o seu trabalho, sentimos o vigor sem esforço, um quasi aspecto de movimentos de dança nêsses corpos bem musculados de homens habituados à rude labuta, e, nêle vemos a beleza dessa raça de origem fenícia, segundo a opinião dos doutos e sábios entendidos no assunto. Os seus braços levantam a rude molicha de dentro da água azul, num gesto de elegância e graça. As três principais figuras têm vida, leveza, fôrça e alegria de viver. No outro, nós sentimos o esforço do meio dum dia de trabalho, as águas violentamente azuis, o céu anilado mos-

tram-nos o sol em tóda a fôrça, os barcos já cheios de molicha, tudo indica o apogeu da hora do trabalho, é, a vida intensa dos homens dasria. O terceiro tem já nas águas espelhada êsse roseo tom que dá o pôr do sol. No céu há nuvens rosadas e as velas enfundadas, têm tons rosa e avermelhadas, que nelas põem os últimos raios do astro rei agonizante. Nos corpos robustos há já o último esforço que produz o cansaço. As caras vincadas indicam a necessidade do repouso. Olhando êsses frescos nós vivemos a vida sã e forte dos moliceiros da ria de Aveiro. Sousa Lopes que nos tem dado tantas maravilhas, que vieram enriquecer o nosso patriotismo artístico, dá-nos neste fresco tóda a medida da sua Arte e do seu valor.

Na exposição havia ainda dois pequenos frescos, que eram encantadores. Um «O vira», representa duas moçoilas dos arredores de Viana-do-Castelo dançando animadamente o popular «vira». Vemos as voltas que as duas raparigas dão, e, ouvimos as risadas que de suas bocas saem. No outro, galgos e cisnes mostram-nos as curvas de seus corpos esbeltos e heráldicos, numa harmonia perfeita. Mas tem ainda o artista verdadeiras maravilhas em preparo, êle, que nos perdoe a indiscrição, mas o grande cartão, desenho a carvão e sanguínea, que representa o barco salva-vidas é uma obra que nos faz recordar certos desenhos de Miguel Angelo. Sousa Lopes é um grande artista, é uma glória nossa. Mas o que se torna agora necessário é facilitar a obra ao artista, é fazer com que o seu ressurgimento da pintura a fresco não fique apenas sendo uma fantasia de artista que não tem seguimento.

Frescos não são telas que em qualquer momento se vendem, têm de ser ideados e executados para as paredes onde têm de ficar. É preciso pois que o Estado e os particulares cuja fortuna lhes permite, terem em sua casa verdadeiras obras de Arte, dêem ao artista todas as facilidades e todo o auxílio para que a sua obra se realize e para que Portugal ressurgindo a Arte dos frescos dê um tão grande passo no caminho da Arte. E a Adriano de Sousa Lopes, todos os portugueses devem o maior carinho e admiração pelo levantamento do nome português no campo da Arte como o devem a todos os Artistas verdadeiramente grandes.



MAX BAER

novo campeão mundial de "box"



presentes em Madison Square, a célebre arena n.º w. yorkina, subiu a 52.000 e a receita registada atingiu a bonita soma de 425 000 dollars.

Max Baer, o novo campeão, é um atleta perfeito e de traços regulares, pouco

marcado pela sua profissão, muito admirado pelo elemento feminino, cujas simpatias cultivava com particular interesse.

É curioso notar que desempenhou num filme recentemente estreado, "Um coração... dois punhos", um dos principais papéis, competindo precisamente com Primo Carnera, ao qual disputa, num combate emocionante, o título supremo. Tôda a crítica fez as melhores referências ao desempenho dos dois artistas desportistas, que realizaram assim uma espécie de ensaio geral do seu autêntico encontro.

Max Baer, bom americano, apregou sempre a maior confiança no êxito do seu empreendimento, e durante a luta troçava e ria do infeliz competidor. Após a confirmação da vitória, afirmou aos

jornalistas que o entrevistavam a seguinte fantástica fanfarronada; "Felizmente que eu estava pouco treinado. Se me tivesse apresentado em boa forma, estaria agora encarcerado por assassinio. Não esqueçam que em 1930, matei em S. Francisco, com um sôco,

o malogrado pugilista Frankie Campbell".

Anuncia-se já como próxima a desforra do combate, mas Baer mostra-se pouco apressado em dar seguimento ao projecto, ocupando-se sobretudo, de momento, na satisfação de certos contratos de



O vencedor de Primo Carnera preparando a moquillo para o filme..

cinema que lhe devem dar, sem perigos, um proveito aproximado a meio milhão de dollars. Entretanto, internado numa casa de saúde, o pobre Carnera, com uma entorse num pé, os ossos do nariz desfeitos, a cara num bolo, vai carpindo as tristezas da situação perdida...

O judeu americano Max Baer, pugilista de classe e artista de cinema, conquistou inesperadamente o título de campeão mundial de "box" em todas as categorias, inflingindo ao italiano Primo Carnera uma sévera derrota, das que marcam na história do pugilismo universal.

Max Baer, o novo campeão do mundo

Apesar dos seus 119kg,5 e mais de dois metros de estatura, o colosso italiano succumbiu aos primeiros ataques do adversário, mais leve 25kg, mas dum poder de sôco formidável.

Até que o árbitro se decidisse a interromper o combate, no 11.º "round", Carnera foi dez vezes projectado ao solo e outras tantas se levantou a prosseguir corajosamente a luta.

O número de pessoas

Primo de Carnera e Max Baer, entram num filme e combateram, tendo Dempsey como árbitro do encontro



CINEMA

Sherlock Holmes

e os seus interpretes



John Barrymore



Clive Brook

HÁ personagens literários, gerados na imaginação dum escritor em momento de inspiração feliz, que adquirem tal relevo e humanidade como se de seres humanos se tratasse.

Sherlock Holmes é um deles. Todos nós que lêmos as suas prodigiosas aventuras, relatadas pela pena do grande romancista Conan Doyle, conhecemos esse singular «detective» e filósofo que fez da luta contra os criminosos uma ciência positiva, rigorosa. E conhecemo-lo como se lhe tivéssemos falado ou ouvido expôr a marcha dos seus subtis raciocínios.

Tão forte e profunda era a realidade do famoso personagem imaginado por Conan Doyle que durante anos milhares dos seus leitores acreditaram firmemente na existência desse polícia excepcional cujo poder de indução deitava por terra as mais engenhosas maquinações dos criminosos. O autor era considerado como um simples biógrafo desse individuo misterioso. Milhares de cartas lhe foram dirigidas pedindo-lhe para persuadir o célebre polícia a ocupar-se de crimes impunes. E ainda hoje aparecem em Baker Street, lugar designado nos romances como residência de Sherlock Holmes, turistas ingénuos que pretendem visitar a casa onde morou o imortal «detective».

Como nasceu este personagem cuja celebridade ainda não foi excedida? O próprio Conan Doyle o relata com a maior simplicidade.

O romance de género policial teve sua origem há quasi um século, quando Edgar Poë escreveu a sua conhecida obra «Assassínios na rua da Morgue». Conan Doyle foi influenciado durante a sua juventude pelas obras desse e doutros escritores, entre os quais Gaboriau. A sua imaginação comprazia-se em admirar esses heróis e certo dia ocorreu-lhe a ideia de criar qualquer cousa do mesmo género que fosse, contudo, nitidamente original. Pensou então num dos seus velhos professores da Universidade de Edimburgo, o dr. Joseph Bell. Conhecia os seus hábitos de exactidão, o seu espirito sistemático. Se fosse «detective» não deixaria de reduzir a sua profissão a uma ciência exacta, no que se distinguiria de todos os outros. Estava, pois, decidido. Transformá-lo-ia num polícia amador de novo género.

Pensou a principio chamar-lhe Sherringford Holmes mas optou depois pelo nome que hoje tem. Escreveu então a primeira novela com o título «A Study in Scarlet», que, depois de re-

cusada por diversos editores, acabou por vender por vinte cinco libras. E apesar de tantas outras por esse trabalho porquê, na sua inexperiência ceder ao editor a propriedade da obra.

A popularidade de Sherlock Holmes desenvolveu-se num abrir e fechar de olhos. Pouco tempo depois, Conan Doyle abandonava a medicina para se consagrar definitivamente à literatura. As suas novelas alcançavam tiragens extraordinárias. Os leitores do mundo inteiro devoravam avidamente tudo quanto se referia ao filósofo-polícia de Baker Street.

Conan Doyle foi um escritor de enorme fecundidade. As suas novelas raro lhe consumiam mais de uma semana de trabalho aturado. O seu segredo consistia em imaginar o desfecho em primeiro lugar e, por uma operação mental em que era hábil, conceber depois os episódios que a êle conduziam.

Como era de calcular, o cinema não podia prescindir dum filão tão abundante para a realização de filmes. Seria já difícil elaborar uma lista exacta das películas baseadas na vida e aventuras de Sherlock Holmes. Basta dizer que o seu número se computa em mais de cinquenta.

A primeira dessas produções data de há vinte e tantos anos. Nesse tempo poucas pessoas pre-

viam ainda todo o desenvolvimento que o futuro reservava à cinematografia. Assim Conan Doyle não hesitou em ceder os direitos de adaptação da sua obra por uma reduzida quantia. Compreendendo mais tarde o seu erro, quis remediá-lo. Para recuperar, porém, os direitos forçoso lhe foi pagar dez vezes o que por êles tinha recebido. Serviu-lhe de emenda a lição e daí para o futuro soube condicionar os seus contratos com as empresas produtoras de filmes às mais vantajosas cláusulas.

A primeira série de filmes baseados nas aventuras de Sherlock Holmes foi realizada há cerca de dez anos. De então para cá pouco tempo se tem passado sem que apareça qualquer filme do género. Já sob o reinado do fonocinema, o célebre polícia foi evocado no «écran» por três vezes, se não estamos em erro.

Numerosos são, portanto, os actores que têm interpretado no cinema, a figura singular do «detective» amador. Dos mais célebres devem citar-se Clive Brook, que para muito representa a encarnação perfeita do personagem, e John Barrymore, artista de grandes recursos que numa produção velha já de muitos anos supriu com o seu grande talento uma falta de semelhança física evidente.

Convém ainda recordar a interpretação de Arthur Wontner, desconhecido dos cinéfilos portugueses, mas que, segundo opiniões autorizadas, oferece a mais flagrante semelhança com o personagem descrito por Conan Doyle. A morte deste escritor impediu-o de se pronunciar sobre o trabalho de Wontner. Mas vem a propósito dizer que o romancista e o actor eram amigos e discutiram durante longo tempo a ideia de colaborar numa adaptação teatral das melhores novelas.

Como vemos, a personalidade de Sherlock Holmes contém tal soma de realismo que é possível apreciar com fundamentos lógicos o grau de semelhança física dos actores que o incarnaram no «écran». E, contudo, a descrição de Conan Doyle faz do seu personagem é vaga e imprecisa. Nada nos diz sobre o seu passado, sobre o seu viver íntimo. Limita-se a retratá-lo com três ou quatro pinceladas fortes. Mas fá-lo com tal arte e vigor que a imagem desse homem alto e magro, cujo rosto exprime fleugma e tenacidade, se grava na memória do leitor com o máximo relevo e exactidão. E nisto apenas consiste a imortalidade de Sherlock Holmes, para cuja glória o cinema muito tem contribuído.



Arthur Conan Doyle

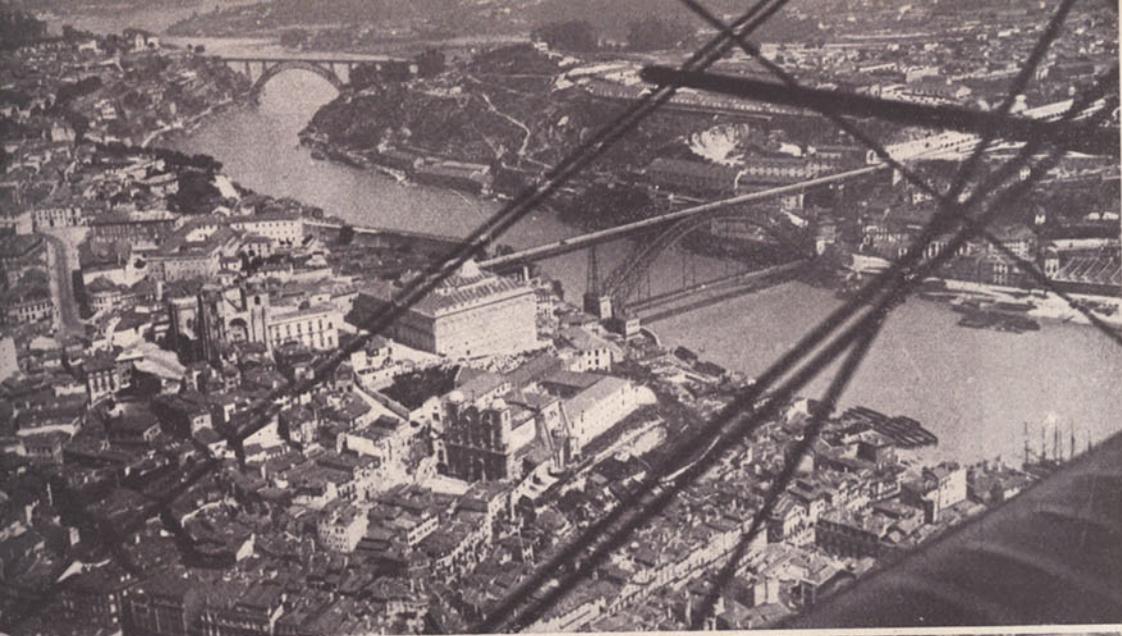
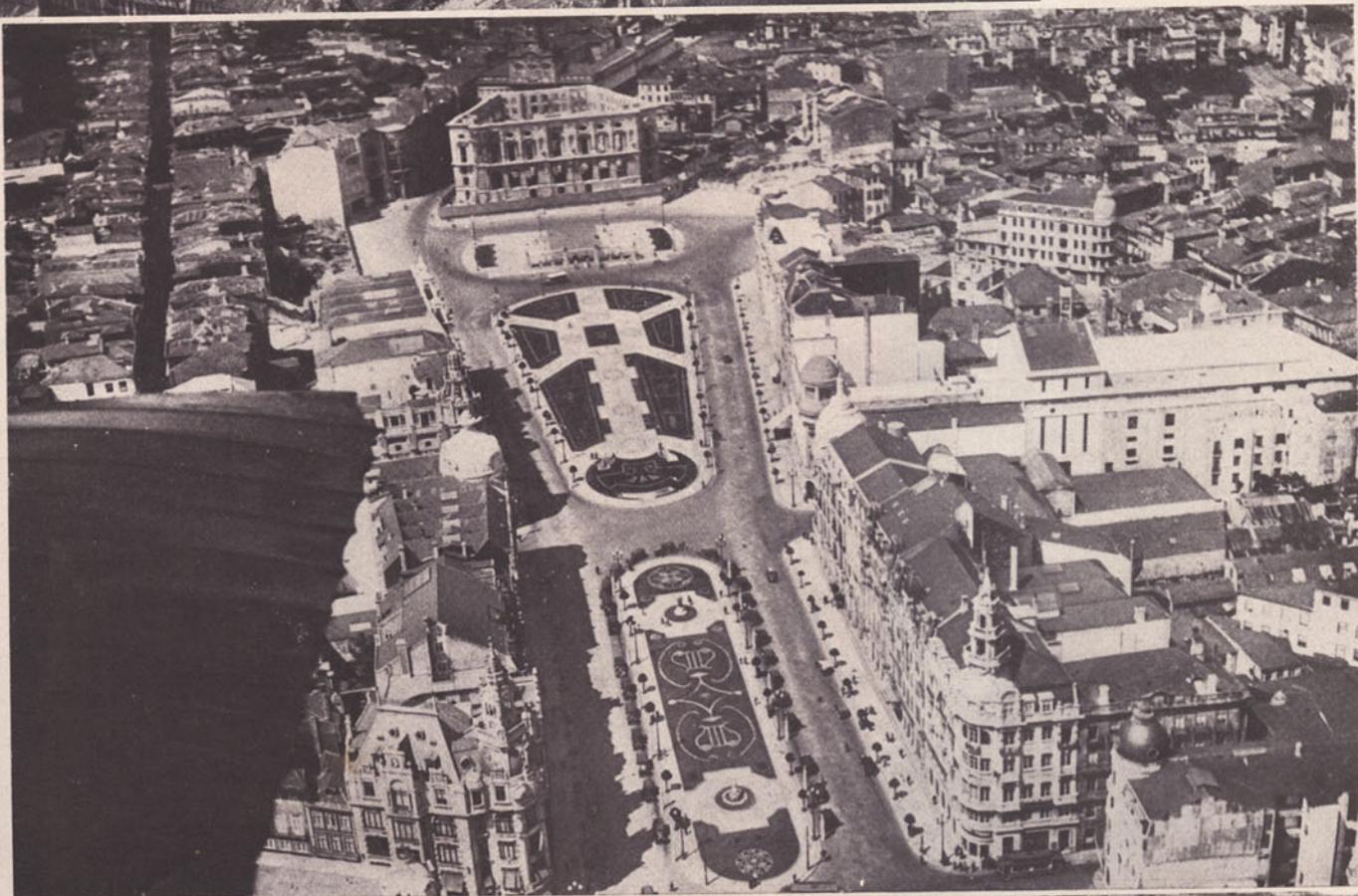


ILUSTRAÇÃO
O PORTO
VISTO
DO AR

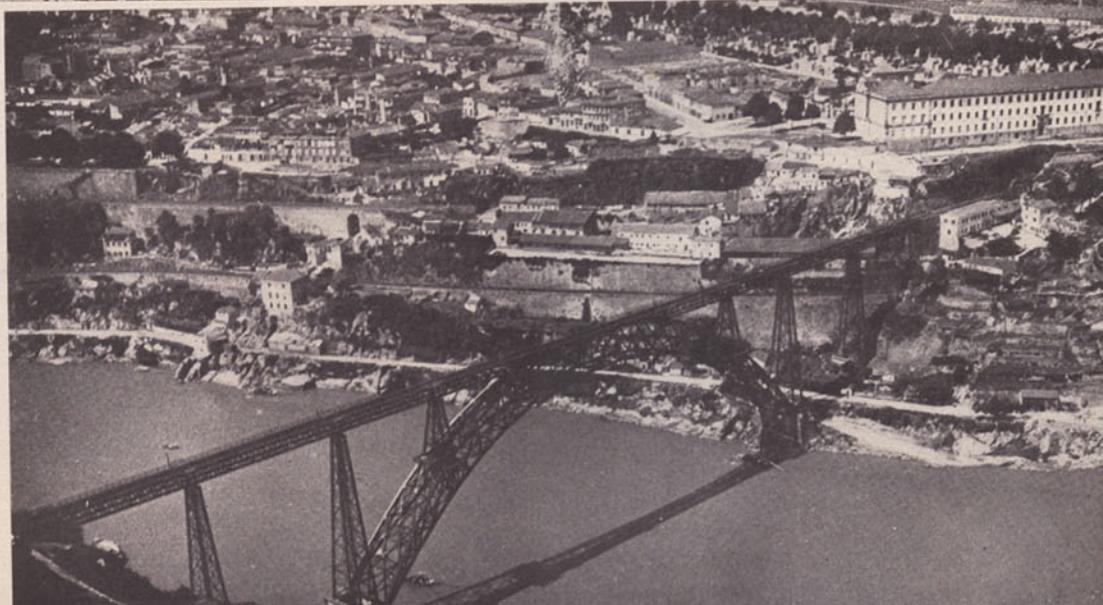
(Fotos do major-aviador
Pinheiro Correia).



EM CIMA: Aspecto do Douro, vendo-se as pontes de D. Luís e D. Maria Pia, uma parte do bairro da Sé e um trecho de Vila Nova de Gaia

AO CENTRO: A Avenida dos Alados, ao fundo o futuro edifício da Câmara Municipal e à direita o Teatro Rivoli e a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto

A ESQUERDA: A ponte D. Maria Pia, o Colégio dos Orfãos e o bairro das Fontainhas





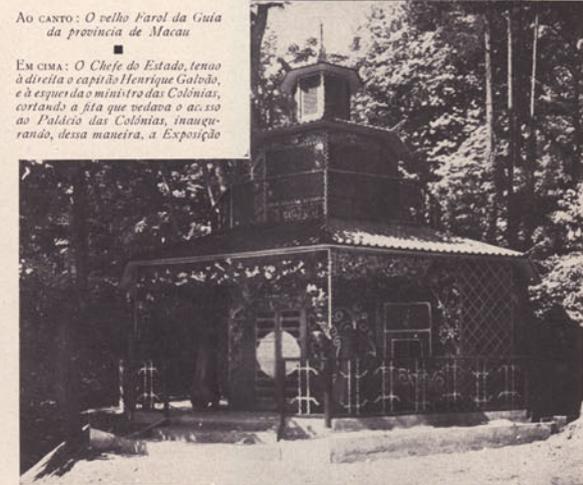
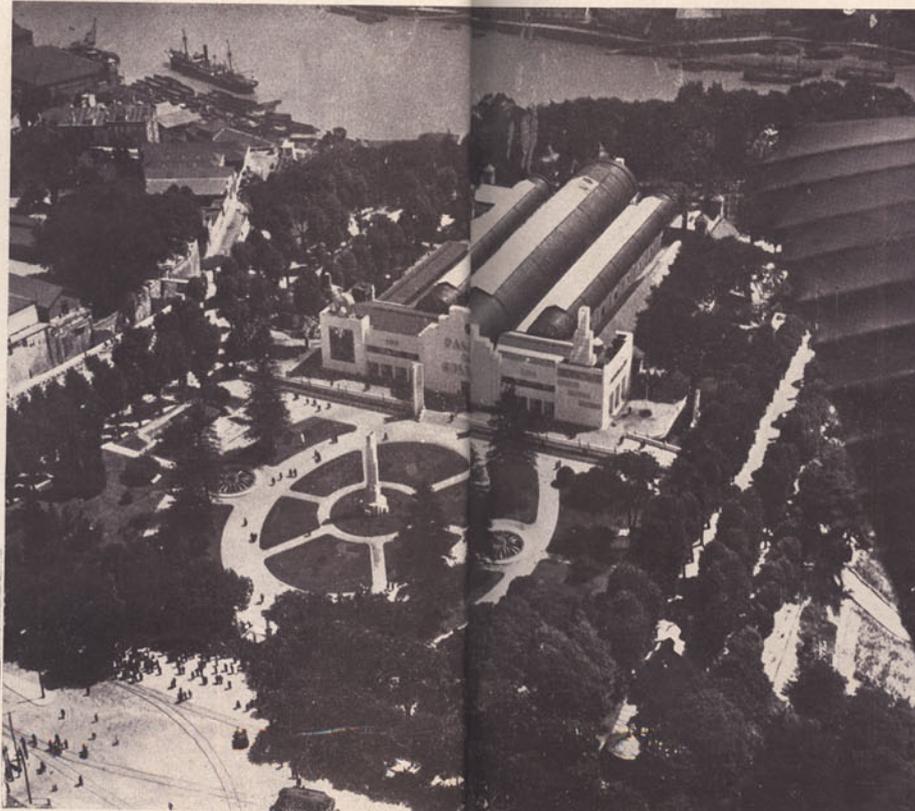
A INAUGURAÇÃO DA I EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA

Ao canto: O alto da frontaria do Palácio das Colónias

Em cima: A mesa da presidência da sessão inaugural da Exposição, que se realizou no Palácio da B. I. A. Ao centro, vê-se o Chefe do Estado e logo em baixo o ministro dos Negócios Estrangeiros

Ao canto: O velho Farol da Guia da provincia de Macau

Em cima: O Chefe do Estado, tenente à direita o capitão Henrique Golbo, e à esquerda o ministro das Colónias, cortando a fita que vedava o acesso ao Palácio das Colónias, inaugurando, dessa maneira, a Exposição



Em cima: A característica e curiosa «Casa de chá» de Macau
Em baixo: Algumas das típicas palhotas dos indígenas

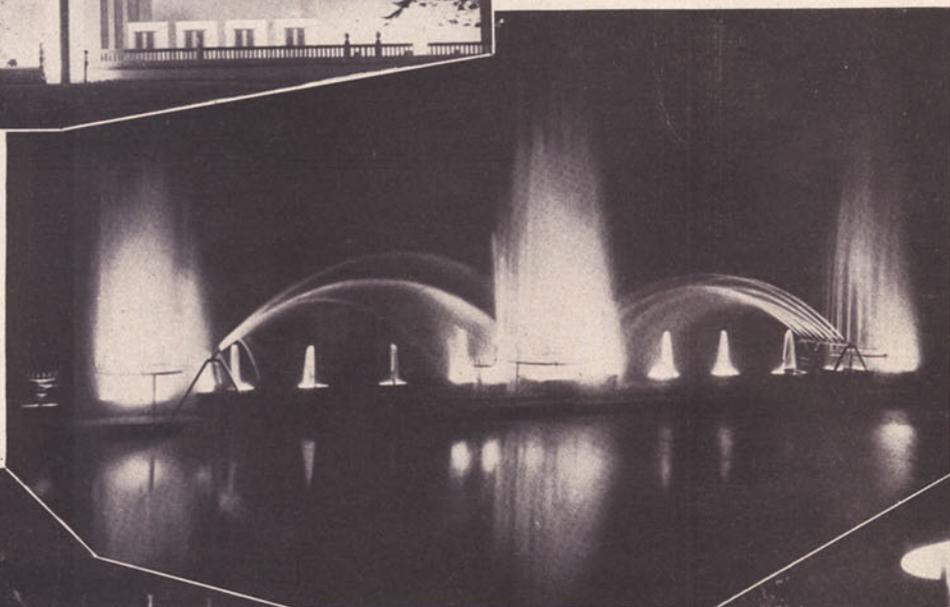


O Palácio de Cristal, onde está toda a Exposição, visto do ar
(Foto do major-aviador Pinheiro Correia)

ASPECTOS nocturnos da Exposição



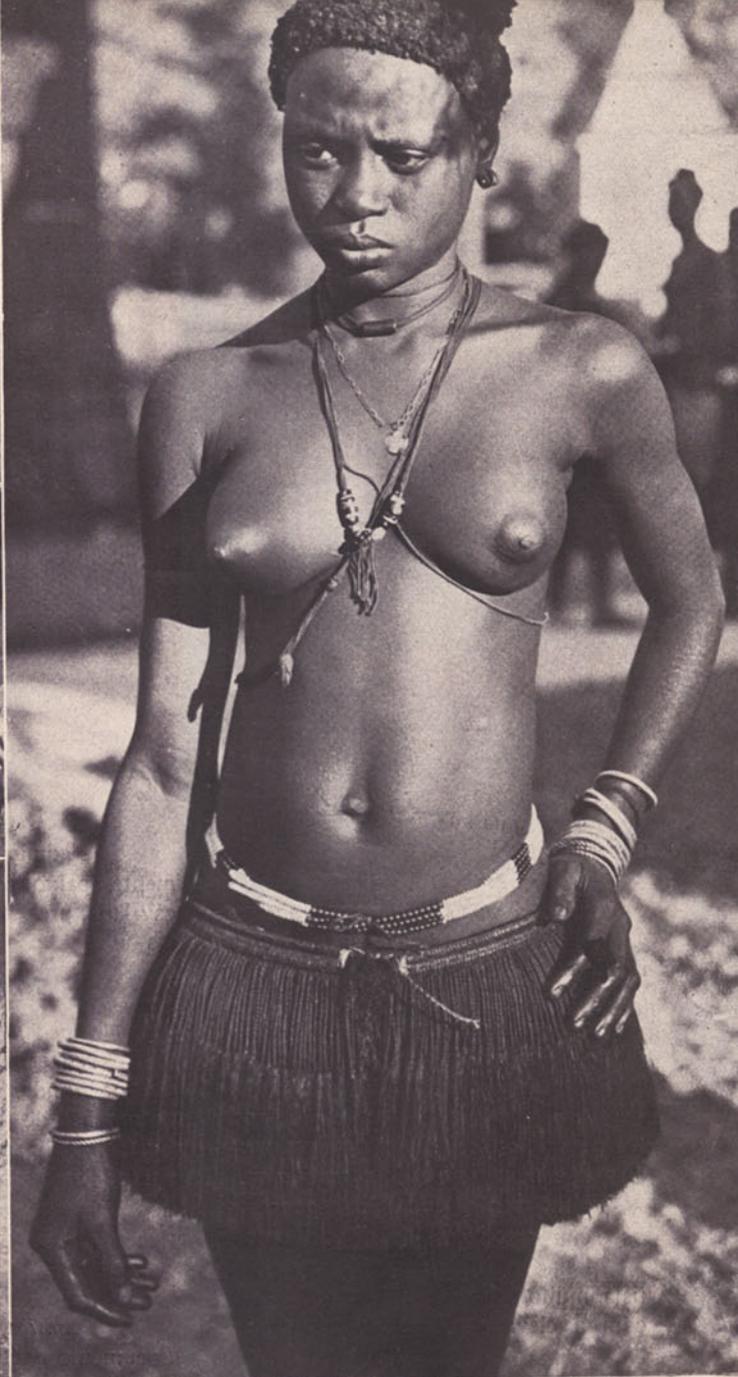
No Palácio de Cristal — cuja primeira pedra foi lançada, em setembro de 1861, por D. Pedro V — está instalada a I Exposição Colonial Portuguesa. Já quatro anos depois desse lançamento, se efectuou, nas suas naves, uma Exposição Internacional. Hoje, porém, o seu aspecto mudou. Outra arquitectura rodeia o velho edificio do Palácio. Outrora, foi o architecto Gustavo de Sousa quem a delineou, agora o risco pertence a Henrique Monton Osório — director técnico e decorador da Exposição. Tudo



linhas horisontais, angulos rectos... em vez das complicadas ogivas e rendilhados capiteis...

Os jardins do Palácio de Cristal, onde a miude se deparam típicas aldeias indígenas e «stands» vários das nossas províncias ultramarinas, oferecem de noite um espectáculo maravilhoso. A iluminação é grandiosa. Todo o enorme recinto ressurgue sob um deslumbramento de luz, rodeado de numerosos e potentes projectores eléctricos, das gigantescas fontes luminosas e das feéricas iluminações, de feição artística e decorativa, que ornamentam e se alinham pelas avenidas e aleas dos parques e jardins do antigo Palácio de Cristal.

A representação indígena na Exposição Colonial





UM GRANDE ARTISTA

João Carlos

pintor

de maravilhosas evocações



Do artista João Carlos, pintor de difíceis assuntos, ficou-me uma grande impressão de beleza, já há alguns anos, quando vi uma sua exposição, no Salão Silva Porto, na capital do norte.

E essa impressão demorada, que prometia não se apagar, foi há alguns meses, ali na Casa da Imprensa, ao Loreto, reanimada e robustecida com uma outra exposição do mesmo artista.

O que verdadeiramente surpreende no artista João Carlos, caminhar da beleza lendária e apaixonado dos gestos que ficaram suspensos na jornada das décadas, é a sua inexcedível devoção pelas figuras e modos de um passado maravilhoso.

Evidentemente, que não esquecemos os seus «motivos» de directa e forte interpretação, ricos de estilo, que o artista, muito acima de tudo, traça e anima com a elevada chama de um criador.

A gente do mar, essa gente que faz, numa luta sem fim,

Quadro adquirido pelo Estado para o Museu de Arte Contemporânea



do modo de vida um glorioso modo de morte, merece, até, ao pintor João Carlos uma demorada simpatia de estudo, glorificando em linhas definitivas a faina dos escravos das eternas tormentas.

Mas onde João Carlos é um pintor máximo, sem possíveis confrontos, é na sua permanente e carinhosa evocação dos tempos distantes.

Chega-se a ter a funda impressão de que este admirável artista, que é, certamente, apaixonado leitor dos romances de cavalaria, procurou em tais obras os fortes motivos de inspiração, tornando os depois em maravilhosas realidades, dentro de uma vida de sonho e de lirismo.

João Carlos, que têm o seu estilo, que têm o seu caminho de artista consagrado, por onde, hoje e amanhã, muitos outros hão-de passar, tem também uma riquíssima imaginação — imaginação de poeta evocador —, tornando cada um dos seus quadros em apoteóse decorativa do pretérito.

E recordo, ainda hoje emocionado, dessa sua última exposição, o grande quadro *Cantico dos Canticos*, magnífico documento poético, com um sabor oriental, paisagem e figuras de aroma lendário, síntese suprema da oferta de um amor e de uma vida.

Outros trabalhos deste grande artista, enormes de beleza plástica, atraíram a minha atenção e ainda se demoram na minha retina. Por exemplo, *Tormenta*. Obra arrancada ao mar em consagração do mar. A vida e a morte, barco que se afunda para sempre e braços unidos numa esperança de hora venturosa, tudo dado numa altura simbólica que domina e esmaga.

Nessa exposição, que constituiu a maior vitória artística de João Carlos, viam-se também dois retratos, um, do filhinho do pintor, outro, do artista fotógrafo Horacio Novais, obras diferentes em técnica, mas realizadas com

dominante verdade, com inteligente elegância e com justeza psicológica. Vivendo uma existência ennobrecida de trabalho, conduzindo na sua personalidade um grande médico e ao mesmo tempo um grande homem de letras, que o seu poder criador não se limita à contemplação de horizontes imutáveis, o pintor João Carlos é um raro artista que vai pela sua senda, em jornada de evocador de maravilhas, iluminando os olhos dos descrentes. Bem merece estudo demorado e admiração sem derradeira palavra. Mas João Carlos está em verdadeira marcha triunfal na sua carreira artística. Hoje, ficámos por aqui. Amanhã e sempre, em tôdas as futuras exposições, João Carlos ter-nos á a seu lado.

Guedes de Amorim.



A VIDA NA COSTA DO SOL



O general Sanjurjo — que há meses se encontra no Estoril — foi recentemente visitado por um grupo de excursionistas espanhóis

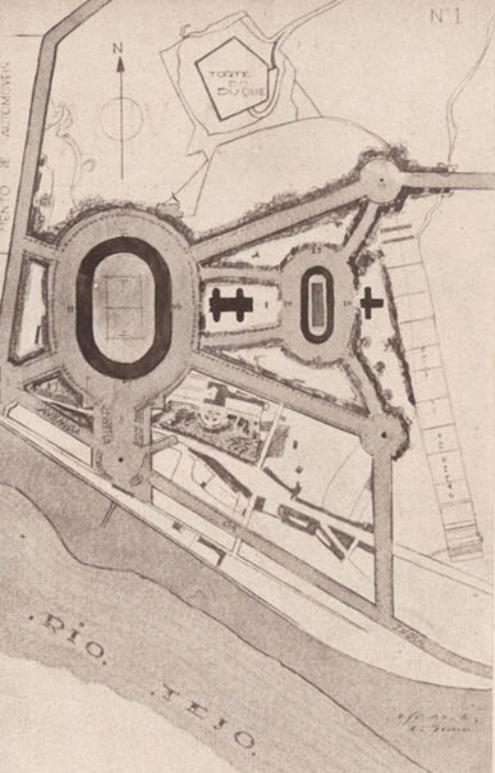
Para inauguração do «dancing» ao ar livre exibiu-se nos terraços do Casino o rancho de Estarreja, que foi muito aplaudido →



No Estoril - Palácio - Hotel efectuou-se um almoço de despedida ao ministro da China em Lisboa, ao qual assistiu o ministro da Instrução, sr. dr. Sousa Pinto.

A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol ofereceu no Casino-Estoril um jantar às equipas espanhola e francesa que vieram tomar parte no Concurso Hípico Internacional.





apresentado aos Poderes Públicos, enquanto é tempo de neles ponderar, remediando para não ter, mais tarde, que lamentar.

O Estádio Nacional, cuja construção é um prémio concedido pelo dr. Oliveira Salazar, ao trabalho organizador e educativo das associações desportivas, deve ser considerada uma obra do mais alto proveito para o país, obra que vai reflectir o nome de Portugal no campo vastíssimo das relações internacionais. Assim, dentro dum critério que é uma lei moral da Nação, pondo o interesse colectivo da maior massa acima dos interesses pessoais ou de facções, tudo se deve congregiar para que a edificação do Estádio se faça num ótmo de condições objectivas e subjectivas, sacrificando a essa finalidade, inclusivamente quaisquer interesses adquiridos que se antepõem, como um obstáculo influente, à sua integral realização.

O plano geral de edificação apresentado pela comissão de estudo, — áparte um ou outro reparo (a lotação prevista parece-nos insuficiente) e um formidável erro técnico, tão formidável

O projecto oficialmente apresentado para edificação do Estádio nos terrenos por baixo do forte do alto do Inque

que só pode aceitar-se como engano e portanto alheio da crítica, — obedece a todos os requisitos desejáveis e corresponde bem à grandiosidade do empreendimento e as exigências desportivas de circuntância.

Nenhuma modalidade foi esquecida e até numa orientação felicíssima, se firmou a aliança da educação física com o desporto, e consagrou a função edu-

O DESPORTO PORTUGUÊS A' volta da construção e do plano definitivo do Estádio Nacional

cativa independente do desporto, frisando a conveniência de abrir a frequência do Estádio aos académicos e escolares.

Compreende-se, pela leitura do relatório, que os elementos que o subscrevem, guiaram a sua acção pelo desejo louvável, de edificar uma arena condigna para as grandes competições desportivas nacionais e internacionais, mas que servisse também para o aperfeiçoamento físico da mocidade académica lisboeta.

Porque concordamos incondicionalmente com estes dois requisitos, somos forçados a discordar, por coerência, da localização escolhida pela comissão, para construção do Estádio e seus anexos.

Tanto os terrenos de Pedrouços como as terras do Moinho do Pai Calvo, cujas vantajosas condições técnicas não discutimos, carecem do ambiente necessário para que o acesso do Estádio seja digno de uma cidade moderna, antecâmara grandiosa a acolher num cenário de beleza e harmonia os milhares de espectadores, os quais algumas vezes serão estrangeiros, atraídos pelo valor das competições organizadas.

Embora os esbocetos topográficos que acompanham o relatório prevejam a criação de amplos recintos, avenidas e parques, isso nada conseguirá modificar a estrutura geral dos bairros a atravessar, que são dos menos formosos e mais antigos de Lisboa.

O projecto do Moinho do Pai Calvo prevê, por exemplo, quatro grandes vias de acesso; uma segue para Algés, portanto excêntrica, outra vai para a Serra de Monsanto onde nada existe nem existirá antes de

A quinta do Alto do Inque a que se refere a planície da gravura superior

largo praso, porque se não arborisa uma serra árida em meia dúzia de anos, a terceira segue direita ao rio alcançando o prolongamento da Avenida da Índia, e a última, que se dirige directamente para a cidade central, vai morrer nos arruamentos irregulares e estreitos dos bairros de Santo Amaro e Alcântara.

Transportemos agora o Estádio para o extremo oposto da cidade, aquele que é seu condigno cenário, para o Campo Grande. Partindo do Rossio, verdadeiro coração lisboeta, tomamos a artéria imponente da Avenida da Liberdade, seguimos sempre por avenidas modernas em formosas linhas rectas, sem recurso a novos arruamentos, utilizando o que há, e que é lindo em qualquer capital do mundo.

Instalado o Estádio no vasto espaço conhecido vulgarmente pela designação de campo do Jockey Club, na sua maior parte propriedade da Câmara Municipal, e que toda a opinião pública reconhece como situação ideal para esse fim, conseguir-se-ia, sob todos os aspectos, o integral aproveitamento de uma ideia grande, mas cuja realização traduz, para o Estado, um sacrifício. E por isso mesmo, porque é efectuada sacrificando interesses comuns, se devem atentamente estudar todas as circunstâncias que a ela se liguem de forma que o resultado seja ao máximo fecundo.

A expansão natural da cidade moderna tem sido, e continuará sendo, para norte e para oeste; nêsse sentido têm sido rasgadas as vias mais amplas, traçados os bairros mais interessantes, orientadas as construções

Os terrenos do Jockey, ao Campo Grande, localiza-ção ideal para o Estádio



mais audaciosas; possuímos em Lisboa um único bosque de passeio, o Campo Grande, ao qual não importa pôr defeitos porque, tal como é, não conhece rival.

Se assim é, e ninguém o pode negar, porque razão fugir à regra levando para outras paragens o Estádio Nacional? Nós, que não temos a ponderar influências nem interesses, pômos o problema em toda a sua singularidade, uma singularidade luminosa a condizer com as aspirações de toda a população desportista de Lisboa.

Mas, como se esta argumentação não fôsse suficiente, um outro factor ainda pugna a reforçar o nosso critério: a primeira comissão de estudo reconheceu que o novo Estádio tem como uma das principais funções, facilitar a prática do desporto e do exercício físico ao ar livre, aos rapazes estudantes das escolas e faculdades. Em tal ordem de ideias é inegável que uma das primeiras condições de viabilidade de semelhante aspiração, é a situação do Estádio a distância relativamente escassa dos centros de estudo. Se os rapazes perdem horas no trajecto, escasseia-lhes o tempo para se entregarem ao exercício físico utilitário.

Não existe em Lisboa uma cidade universitária própria dita, reunindo todos os estabelecimentos de ensino superior, mas desenha-se uma tendência regu-



O projecto elaborado para construção do Estádio nos terrenos do Moinho do Pai Calvo, com as novas avenidas de ligação

lar de orientação que leva todos os novos edifícios escolares para o norte da cidade.

O Instituto Superior Técnico, a Faculdade de Farmácia, a Escola Veterinária, mesmo as Faculdades de Medicina e Direito, funcionam nesse quadrante lisboeta, tendo como natural parque de recreio, o Campo Grande. Edificando o Estádio Nacional em Belem, os estudantes gastam, para se deslocar, duas horas nas viagens de ida e volta, talvez todo o tempo de que poderiam dispôr.

A estes dois argumentos fundamentais, poderíamos acrescentar um terceiro, de ordem psicológica, sem justificação prática, mas de existência real indiscutível; a preferência assentada do público pelos recintos desportivos situados na parte norte-oriental da cidade, e que é demonstrada pelo fracasso de afluência em algumas organizações importantes deslocadas para instalações da banda ocidental.

Com esta exposição, serenamente fundamentada em razões de ordem superior, abstraindo de todos os factores que não sejam contribuintes ao maior êxito do futuro Estádio Oliveira Salazar, designação proposta pelos membros da comissão de estudo, interpreta a "Ilustração" o sentimento da massa desportiva, que bem merece ser atendida por quem deve tomar as decisões definitivas porque traduz incontestavelmente a voz do bom senso e a salvaguardar os interesses superiores da cidade.

A MORTE

do maestro Francisco de Lacerda

NEM sei como já tenho sítio para mais uma cruz no meu peito, nem como posso viver tão só no meio de tanta gente.

As cruzes pelos meus filhinhos, às cruzes pelos amigos e companheiros das minhas horas triunfais, veio plantar-se em minha alma mais uma pela morte desse excelso artista, dessa águia que a morte tombou ainda em pleno vôo para novas conquistas e para mais frescos loiros.

D. João da Câmara, Marcelino de Mesquita, Manuel Benjamim, Sacadura Cabral e Plácido de Abreu — e quantos ainda — destacam-se, em epitáfios de ouro, no Panteon dos meus grandes mortos, e agora, mal arrefeito apenas, tenho que juntar-lhes Francisco de Lacerda, que eu fixei carinhosamente, nos *Meus homens* — os homens da minha admiração e da minha estima.

Parece-me vê-lo ainda agora, doido de contentamento, tal uma criança a quem deram o brinquedo desejado, agradecendo-me, entre sorridente e comovido, as páginas que nesse livro lhe consagrei.

O meu nome e o do saudoso maestro encontraram-se, muitas vezes, em cartazes colados lado a lado, nas paredes de terras estrangeiras, nos anúncios dos jornais.

Mas, por uma bizzaria do destino, eu nunca pude vê-lo, lá fóra, empunhando a sua batuta mágica. Só os ecos dos seus triunfos chegavam aos meus ouvidos, porque, quando ele regia, representava eu, na mesma noite, em qualquer teatro.

Disto mesmo se queixou ele, uma tarde de concêrto no Tivoli, lamentando-se igualmente, por não ter podido ouvir-me em nenhuma das operetas que representei em França, pela mesma razão que me privou a mim de ir admirar o seu modo tão artístico e tão original de conduzir orquestras.

Tôdas as horas da nossa vida estão destinadas pela sorte, e só quando ela quer realizamos os nossos sonhos. E bem nos vai, se o momento dessa realização chega, mesmo tarde e a más horas.

Assim, chegou para mim o instante de poder contemplar Francisco de Lacerda, no seu posto em completa liberdade de acção, para me dar, não a certeza do seu valor que já tinha, pelo que dele lera na imprensa estrangeira, mas o prazer de constatar com os olhos o que a alma já sentia.

Foi no Coliseu dos Recreios. Depois de uma «tournée» triunfal. Francisco de Lacerda foi convidado pelo arrojado empresário Ricardo Covões a apresentar-se, ao público alfacinha, regendo um admirável grupo de músicos que souberam honrar o seu regente.

Eu andava morta por ver o glorioso extinto, em acção, e não perdi o ensejo. Sabia, era inevitável, que ia ter uma grande sensação de arte, mas nunca me passou pela ideia que a impressão fôsse tão violenta.

E tal foi ela que ainda hoje perdura em mim, nítida e forte, como nessa hora em que os meus nervos de artista e a minha alma de mulher vibraram perdidamente.

Com perdão de todos os talentos musicais que temos ainda vivos para nosso gozo espiritual, com muito perdão, confesso que nunca vi reger assim, nem em Portugal nem fora dele.

Aquele pedacinho de madeira, na sua mão humanisava-se, e dir-se-ia que sentia tôdas as fases por que as notas ião passando, ora saltitantes e ligeiras como avesitas, ora chorando e gemendo as máguas de um coração batido pelos vendavais da vida.

Ele, então, transfigurava-se. No seu rosto simpático e insinuante, cintilavam os lumes da inspiração, dessa luz bem dita que só aquece e alumia os artistas natos.

O meu entusiasmo foi tão grande que não pude resistir à



O maestro Francisco de Lacerda e duas das suas discípulas

tentação de ir ao palco abraçá-lo e beijá-lo, pelas sensações de divina arte que soube fazer-me sentir.

Poucas vezes me tenho entusiasmado assim, e graças a Deus que foi um português que conseguiu arrancar-me à serenidade habitual que conduz o meu critério crítico. O meu patriotismo não conhece ainda o remorso de relegar para lugar subalterno a gente da minha terra. Portugal «for ever»!

Francisco de Lacerda não morreu satisfeito com as suas glórias — tenho a certeza disso.

Queixou-se-me de não ter sido tratado pelos seus patrícios com um mais franco e carinhoso acolhimento.

Para ganhar a vida, precisou de sair do seu país várias vezes, e o seu sonho de patriota era dedicar a Portugal cada fibra do seu coração e cada centelha do seu cérebro. Já no capítulo que a ele dediquei, no meu citado livro, eu escrevi:

«Escolhi-o não só para ter entre os meus eleitos um dos maiores chefes de orquestra do mundo — e não digo o maior para que me não chamem vaidosa — mas também por espírito de justiça, porque este homem que tanto honrou Portugal, por terras estrangeiras, não foi ainda devidamente apreciado pelos seus compatriotas. Noutro país onde soubessem cotejar lealmente os seus valores, Francisco de Lacerda não seria mais um esquecido, no meio de tantos outros que por legítimo brio não solicitam distinções nem homenagens.»

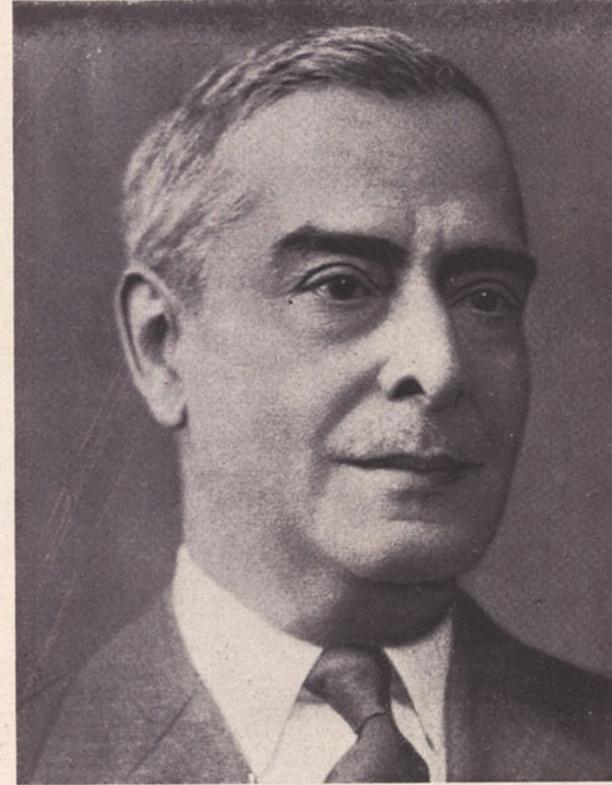
Mas, afinal, quem há por aí contente com a sua sorte? Quem acha bastantes os loiros colhidos pelo seu esforço?

Nem eu, nem tu, talvez, leitor. A gula do artista é insaciável.

E o aplauso dos seus patrícios é o que lhe sabe melhor.

Mercedes Blasco.

FIGURAS E FACTOS



O desastre de Braga

QUANDO terminava o último «looping-the-loop» e depois de um voo horizontal para entrar em «villes», o avião nº 2, tripulado pelo tenente-aviador Melo Rodrigues, por estar já demasiado baixo, chocou brutalmente com o solo. O pânico no campo de Braga foi indescrevível, pois que o aparelho, em descida vertiginosa, parecia haver caído sobre uma parte do público que assistia às provas. O indito avião faleceu horas depois, no hospital daquela cidade.

Dr. Anibal Castro

COMPLETAMENTE restabelecido duma grave doença que o afastou durante alguns meses da clinica, retomou a sua vida habitual o nosso querido amigo sr. dr. Anibal Castro, uma das grandes figuras da medicina portuguesa, director duma enfermaria do Hospital de Arroios.

Adelina «branches»

NA noite de 14 deste mês, no S. Luiz, realisa-se uma festa de homenagem á gloriosa artista Adelina Abranches — grande entre as grandes — comemorando a sua notável carreira artistica de 50 anos de teatro. Uma comissão de homens de letras, dramaturgos, empresários, jornalistas e artistas, está organizando o espectáculo em que entram as maiores figuras do teatro português, rendendo assim a sua admiração pela interprete da peça «A mãe».



Dr. Mario Monteiro

COM o titulo «A loira do Chiado» publicou recentemente uma interessante novela o conhecido advogado e homem de letras sr. dr. Mario Monteiro. Lê-se dum trago, tanto mais que por ela passam figuras conhecidas do nosso meio literário, jornalístico e artistico, o que provoca interesse e tem um entreccho de hõa urdiura e está escripto em português corrente e são.

Roque da Fonseca



ESTÁ merecendo os maiores elogios da imprensa o 1.º volume da obra «Cem anos em defesa da Economia Nacional» (1834-1934) que Joaquim Roque da Fonseca acaba de publicar. Trata-se duma obra de estudo e de investigação, profusamente illustrada e

ricamente impressa, onde se faz a história da Associação Commercial de Lisboa e que vem a público justamente na altura do 1.º centenario daquelle útil organismo.

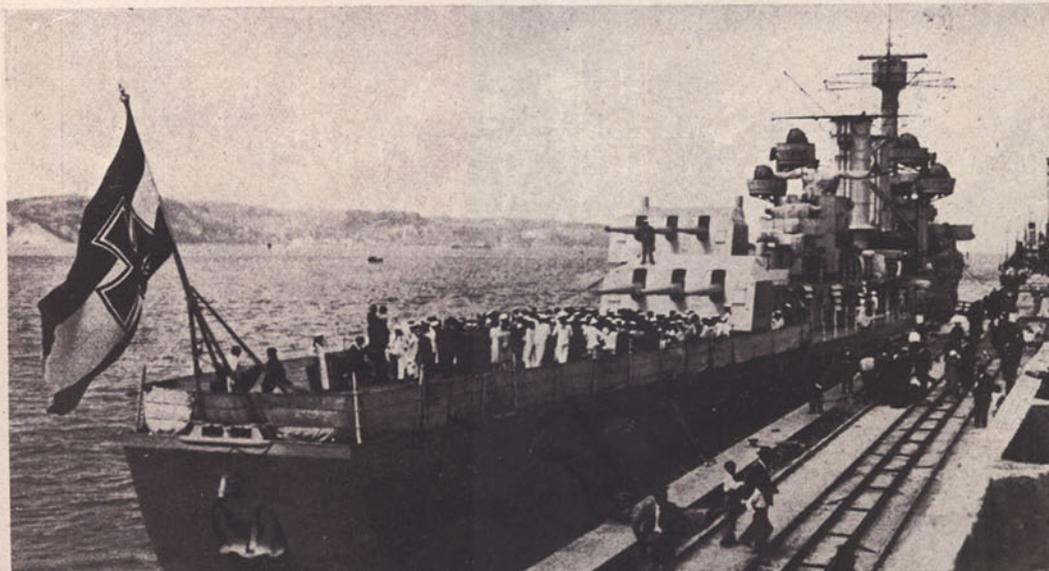


Os nossos aviões

O major-aviador António Maia voando em Londres nas experiencias de um dos aparelhos de caça «Hawker Fury», super-velozes, ultimamente adquiridos para o grupo de Tacos.

O cruzador «Köln» em Lisboa

ESTÁ ha dias ancorado no Tejo o cruzador «Köln», uma das maiores unidades da marinha de guerra alemã. É seu comandante o capitão de fragata Fuchs. Tem 174 metros de comprimento e a sua tripulação é composta de 27 officiaes, 27 guarda-marinhas, 112 sargentos e 394 praças. Na última terça-feira, uma força prestou uma significativa homenagem aos nossos mortos da grande guerra, tendo proferido algumas palavras, junto do monumento da Avenida, o comandante, depois de ter deposto um grande ramo de flores no sopé.



VIDA ELEGANTE

Festa de Caridade

«NO JARDIM DA ESTRELA»

Com uma enorme e selecta concorrência, realiso-se na tarde de sexta-feira 29, dia de S. Pedro, no Jardim da Estrela, organizada por uma comissão composta das sr.^{as} D. Alice Calheiros Burguete, D. Alice Cancela Infante de La Cerda, D. Beatriz de Mendonça, D. Clarisse Lomelino Guimarães, D. Claudia Ramada Curto, D. Conceição Homem Machado Pizarro, condessa de Castro Marim, D. Elsa Barroso, D. Emilia Neto Afonso Pereira Coutinho, D. Isabel de Sommer, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Lúcia Infante de La Cerda Monteiro, D. Maria Adelaide Arouca, D. Maria Antónia Ramada Curto, D. Maria Canela Emidio da Silva, D. Maria Emilia de Castelbranco, D. Maria de Lourdes Lomelino Guimarães, D. Maria Luiza Monteiro de Mendonça, D. Nonica de Vilhena e Vasconcelos, D. Palmira Diogo da Silva Sommer, D. Pilar Pimentel Sobral Cid, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Tereza d'Orey Pinto Basto e viscondessa da Mercena, uma interessante festa infantil de caridade, cujo producto se destinou a favor de várias pobres doentes, que constou de «Ginkana», venda de sortes, pesca milagrosa, de vários intermédios cómicos por uma parrelha de palhaços, «chá» e partidas de «mah-jong».

O aspecto do Jardim da Estrela, que foi cedido gentilmente pela Camara Municipal, devido ao fim caritativo a que a festa se destinava, era verdadeiramente encantador, dando a petisada, uma nota de alegria, alegria que difficilmente se descreve.

A comissão organisadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano. No Jardim encontrava-se tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade.

«NO PARQUE HELENA»

A favor da benemérita instituição de caridade «Florinhas da Rua» realiso-se na tarde de quinta-feira 21 de Junho, findo, no magnifico Parque Helena, hoje propriedade da sr.^a D. Laura de Abreu Reis Ferreira e do sr. Carlos Machado Ribeiro Ferreira, um «chá mah-jong» que excedeu toda a espectativa da comissão organisadora que era presidida pela sr.^a condessa de Rilvas, e

composta de senhoras pertencentes á nossa primeira sociedade.

Pelas desasseis horas foi servido um finissimo «chá» por um grupo de gentis senhoras solteiras, de que faziam parte além da filha dos illustres donos da casa, grande número de senhoras pertencentes á nossa melhor sociedade, chefiadas pela sr.^a D. Rita de Sommer Pereira e pela dona da casa.

O aspecto do vasto e magnifico Parque Helena, coalhado de mezas, em que se via tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, era verdadeiramente encantador, dando-nos a illusão de um jardim matizado de flores.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

D. Gilda Auziello de Mesquita Guimarães, D. Maria do Carmo Machado Contreras, condessa das Galvêas, condessa da Ponte, condessa do Cartaxo, condessa de Castro, condessa Valbom, viscondessa de Silveiras, viscondessa de Sacavem, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Cristina Resende da Silva, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Josefa Contreras, D. Eugenia Machado Ribeiro Ferreira, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, D. Sara Barnay Paiva de Andrade e filhas, D. Helena Almada Teles da Silva, D. Eliza Diogo da Silva dos Reis Torral e filha, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Assunção Perestrello de Matos, D. Emilia Alves Arroas, D. Estefânia de Macedo Dias Macieira, D. Izaura Roquete, D. Inez Gomes Filipe e filha, D. Lidia Gomes, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Assunção Cordeiro, D. Maria Izabel de Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria deiro, D. Adelina Santos, D. Eliza da Guerra Baerlein, Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Ana Maria de Barros da Costa de Morais, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Octavia Stropm Martins Pereira, D. Luiza de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Carlota de Araujo briela Goulart Caldas Forte, D. Stela Belmarço da Serpa, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Maria Gacosta Santos, D. Maria Mascarenhas Calheiros de Mendes da Silva, D. Joana Castello Branco Mendes Noronha Azevedo, D. Maria da Assunção de Melo da Silva, D. Sofia Baerlein de Castelo Branco, D. Aliz de Melo, D. Sofia Zafrany Cagy, D. Julia Azulay, Maury de Melo, D. Maria Amelia Resende da Silva, D. Tereza de Melo Breynner Pinto da Cunha, D. Amélie, D. Eliza Talone Ferreira, D. Beatriz de Mendonça, Iia Gomes, D. Adelaide de Silva Leitão Pereira da Cruz, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Rita de Sommer Pereira, D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supardo, D. Maria Cristina da Silva Cordeiro Feio, D. Carlota Brazão, D. Maria José Brazão de Sommer, D. Julia Castilho Santos Silva, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Maria Fernanda Baptista de Melo Beirão, D. Clarisse Couto, D. Alice de Sousa Melo, D. Ilda Brandão, D. Alice Pinto Basto, D. Palmira Machado, D. Maria Bruno de Heredia, D. Margarida Queriol Macieira, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Julieta Gomes de Amorim de Orey, D. Albertina Gomes de Amorim de Guimarães Serodio, D. Maria Carlota Paiva Raposo de Almeida, D. Maria Mafalda Paiva de Andrade Morais Cardoso, senhora de Carlos Smith, D. Adelaide de Almeida, D. Maria Antonia de Sousa Pires Rebelo, D. Mafalda da Câmara Leme de Mesquita, D. Helena Morais Cardoso de Menezes, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Cecilia Euler de Carvalho, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Ester Buzaglo Feio Folque, D. Maria Luiza Vela co de Oliveira, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Judite Benjamin Pinto, D. Marcela Auziello, D. Laura Morais de Carvalho, D. Maria Emilia Osório

(Proença-a-Velha), D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, etc.

Festas como a de quinta-feira no magnifico Parque Helena, ficam para sempre gravadas a etras de ouro nos anais mundanos.

Casamentos

Celebrou-se no dia 19 de Junho em Salins (França) o casamento do illustre médico sr. dr. João Avelar Maia de Loureiro, assistente do Instituto de Oncologia, chefe do Laboratório dos Hospitais Civis, presentemente em missão de estudo no Instituto de Biofisica dos Altos Estudos de Paris, com a sr.^a D. Simone Tierstonier, filha de madame née Roger de Villers e do sr. Jean Tierstonier.

Fôram padrinhos, por parte da noiva, seu tio o sr. conde Roger de Villers e por parte do noivo o sr. dr. Carlos Paiva Raposo.

O sr. dr. João Maia, filho do nosso querido amigo sr. dr. Samuel Maia e da sr.^a D. Maria Teresa Avelar é o continuador, por ascendência materna, duma série de médicos em 5.^a geração, contando-se entre os ascendentes o grande Brotero.

Na gravura, que nesta página publicamos, vêem os noivos acompanhados das *demoiselles de honor*.

— Realizou-se na paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.^a D. Julia Apostolides Georgides, filha da sr.^a D. Alexandra Georgides e do sr. Atanazio Apostolides, já falecidos, com o sr. D. José Maria Saro y Posada, vice consul de Espanha filho da sr.^a D. Felicia de Saro e do sr. D. Francisco Saro Bernardo de Quirós.

Fôram padrinhos por parte da noiva os srs. D. Francisco Ramirez de Montesinos, ministro de Espanha em Portugal, comandante António Tapia, adido militar junto da Embaixada da Espanha, em Portugal; capitão D. Angel Gonzalez del Alba y Rubio. D. António Diez Gomes, e D. Nicolas Goyri O'Neill, adido á Embaixada de Espanha, em Portugal, e por parte do noivo os srs. marquês de Vista Alegre, Marquês de los Altares, D. Rafael Bernaldo de Quiróz, D. Francisco Ramirez de Villa-Urrutia e D. Carlos Martinez de Orense, secretários da Embaixada de Espanha, em Portugal.

Celebrou o acto o prior da freguesia monsenhor Freitas Barros que no fim fez uma brilhante alocação, sendo acolitado durante a cerimónia pelos reverendos Santos e Gomes.

Terminado o acto religioso, durante o qua fôram executados no órgão vários trechos d' música sacra, foi servido nos terraços do Avi Hotel, um «chá», seguindo depois os noivos para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

Na assistência notavam-se as seguintes pessoas:

Ministro de Espanha e esposa, comandante Tapia e esposa, capitão Alba y Rubio e esposa, D. Francisco Ramirez de Villa-Urrutia, D. Carlos Martinez de Orense e esposa, D. Nicolas Goyri O'Neill e esposa, marquez de Vista Alegre, marquês de los Altares, D. Francisco Saro Bernaldo de Quiróz, esposa e filhas, D. Joana S. Mamede Teixeira, D. Ramon Abella, D. José Maria do Saro Bernaldo de Quiróz, esposa e filha, D. George Apostolides e esposa, D. Mario Palau de Roura, esposa e filha, Martinez Lopes e esposa, Diez Gomez e esposa, dr. Godoy e esposa, dr. Muñoz, esposa e filha, D. Rafael Bernaldo de Quiróz e esposa, D. Luiz Sangareau, esposa e filha, Junquera e esposa, Ortiz e esposa, Perez, esposa e filha, D. Andres Siaba, D. Luiz Tapia, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

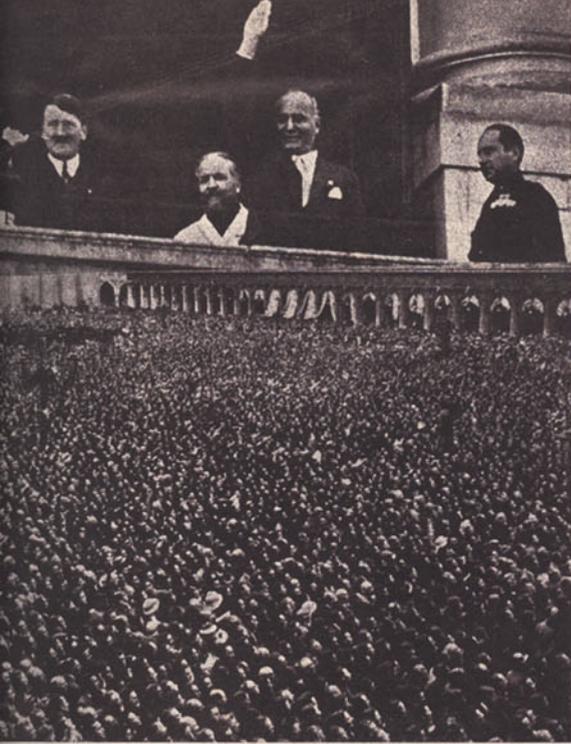
— Com muita intimidade, realiso-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Elvira de Macedo Dias Macieira, filha da sr.^a D. Estefânia de Macedo Dias Macieira e do sr. dr. António Macieira, já falecido, com o sr. Joaquim Magalhães Diogo, filho da sr.^a D. Amélia Magalhães Diogo e do sr. João Marques Diogo, já falecido.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus tios a sr.^a D. Elvira de Macedo Dias Egas Monis e o illustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa sr. dr. António Abreu Freire Egas Monis, e por parte do noivo sua mãe e seu tio.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na residência da mãe da mãe, á avenida Fontes Pereira de Melo, um lanche, partindo os noivos depois para a magnifica vivenda dos tios e padrinhos da noiva, em Avanca, onde fôram passar a lua de mel, tendo já regressado á sua casa em Lisboa.

Os noivos — sr. dr. João Avelar Maia Loureiro e a sr. D. Simone Tierstonier — quando do seu casamento em Salins (França)





A entrevista Mussolini-Hitler

Os fins da entrevista Mussolini-Hitler foram três: o desarmamento, o problema austríaco e a questão danubiana. Sobre o desarmamento, a Itália admite a paridade de direitos em matéria defensiva, mas Mussolini insistiu para que a Alemanha voltasse ao seio da S. D. N. O problema vienense é o que interessa mais directamente à Itália. O Duce falou claro a esse respeito e Hitler não respondeu. O encontro dos dois ditadores fêz-se em Veneza, onde Hitler chegou de avião, ao aeroporto do Lido. Mussolini falou dum janela do palácio de Stra, na presença de mais de 20.000 pessoas. Após o discurso, houve uma parada fascista que atravessou a célebre praça de S. Marcos.



Arcos humanos...

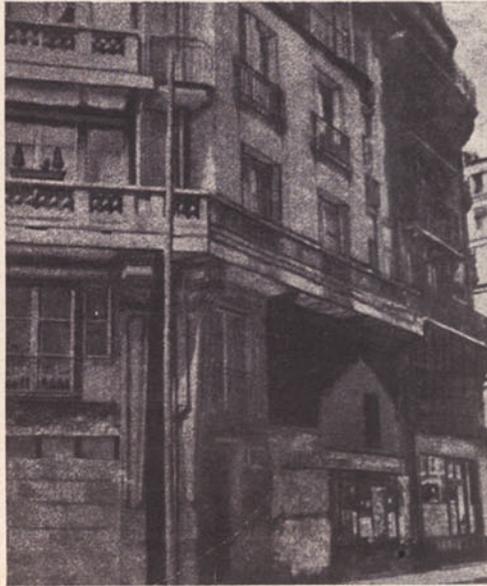
Os soldados do Royal Corps of Signals, do exército inglês, são sujeitos aos exercícios mais arriscados e perigosos. Recentemente, em Catterick fizeram uma demonstração desportiva que causou admiração no povo britânico. Entre as provas de destreza apresentadas figuravam os saltos de motos e de cavalos através de arcos humanos. Foi um êxito formidável que a imprensa britânica registou.

Uma família prolífica

SE houvesse algumas centenas de famílias americanas como esta, o mundo não acabava... A senhora que aqui está deitada, tendo ao lado quatro robustas crianças—uma do sexo masculino e três do feminino—em três partos deu à luz nove filhos... Do último foram quatro—todos com saúde e peso normal... Do penúltimo nada menos de três... e do ante-penúltimo só um casal... O marido—mecânico numa oficina de aviões—deve ser um homem feliz... Há que lhe dar os parabéns...

Em menos de três anos... nove filhos...

DAS SETE PARTIDAS DO MUNDO...



Um prédio original em Paris

TEIMOSOS há muitos... O dono dum pequena loja, instalada numa espécie de barracão, agarrado a uma lei, não larga o seu cubículo... Como isso sucedeu, o proprietário do prédio ao lado, querendo alargar a sua edificação, construiu, da maneira como se vê na gravura, o alargamento desejado... o que lhe dá um aspecto curioso...



Hoje tudo se filma...

Nas montanhas escocesas está-se fazendo um filme impressionante para o qual tem sido necessário colocar a máquina nas rochas mais altas e onde o abismo parece que atrai tudo... O operador e a máquina, absolutamente desequilibrados, estão suspensos por cordas...



Na Polónia

O novo presidente do ministério na Polónia é o sr. dr. Leon Kozłowski, paladino da independência polaca e homem de ciência de grande reputação. Trabalhou em museus alemães, franceses e ingleses. Chefou algumas sondagens científicas nos países bálticos e balcânicos. Em 1914 entrou para as Legiões polacas do Marechal Pilsudski, e em 1915 exerceu as funções de relator político de P. O. W.



O baptismo do ar

N o aerodromo de «Quatro Ventos», em Madrid, receberam o baptismo do ar, ao mesmo tempo, um velho de oitenta e cinco anos e uma criança de oito meses. As impressões do primeiro não poderam ser melhores... e as da segunda, da pequenina, não se sabem, pois que o debutante na aviação não fala ainda...



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

NO PRÓXIMO NÚMERO:
Apuramentos do N.º 7
MEFISTOFÉLICAS

- 1) É preciso fazê-lo comer, para êle se amparar. (2-2) 3.
Lisboa *Lérias (T. E.)*
- 2) O discurso que o administrador dêste sítio pronunciou hoje foi muito comentado. (2-2) 3.
Luanda *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

- 3) Castiga sem provas com severa «medida» e depois sente arrependimento. 2-2.
Belém do Pará Athenas *(A. C. L. B.)*
- 4) *Em* tudo me revele um homem infeliz; por isso embirro com a vida. 1-3.
Coimbra *Frangerque*
(A Vidalegre, Reinadio, Doridjstes e Olho de Lince).
- 5) Será bom-gosto usar-se de malícia com um homem de cabelo já grisalho? 1-3.
Coimbra *Ignotus Sum*
(T. E. — T. C. B.)

- 6) Vós possuíis o sentimento do belo, mas vêde «que não é ajudado» por aquele aspecto alegre que vos tornareis muito mais simpáticas. 2-1.
Paços de Brandão *Justa (T. C. B.)*

- 7) Hesito. «Um» pensamento trágico me torna indeciso! 3-1.
Lisboa *Moreninha*

- 8) *Todos* os «indigenas» (!) fôram na diligência. 2-1.
Lisboa *Reinadio (S. C. L. — T. E.)*

- 9) O chefe da fábrica castigou sem pena o pobre do artífice. 2-1.
Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

(Ao confrade «Micles de Tricles»)

- 10) É com afã, com incansável afã, que faço esta charada, porque tenho grande pressa de lhe dedicar um trabalho meu. 2-2.
Lisboa *Xicantunes*

SINCOPADAS

(Ao confrade «Olho de Lince»)

- 11) Na verdade você é um «homem», mas às vezes também é pior que uma «mulher». 3-2
Lisboa *Augusta Vitória (T. E. L.)*

- 12) A força mingua com a idade. 3-2.
Lisboa *Fernambelo*

- 13) O Ódio é a fornalha em que se crema a Virtude. 3-2.
Ponta Delgada *Fobema (...)*

- (Á illustre confrade «Maria Luisa»)*
14) Eis o «brinco» com que a presenteio... 3-2.
Lisboa *Lérias (T. E.)*

- 15) O que produz muito é feio. 3-2.
Luanda *Ti-Beado*

(Ao amigo «Doridjstes»)

- 16) A preguiça abre a porta à miséria. 3-2.
Lisboa *Valério (S. C. L.)*

- 17) Para que queres essa unha tão comprida? Dá-te algum proveito? 3-2.
Lisboa *Veiga (T. E. L.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 13

- 18) Todo aquele que passa fome tem a cara abaçanada. 3-2.
Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

METAGRAMA

ROMARIA

(Ao «Zé Agã»)

- 19) É noite de romaria... Foguetes, música, bombos... Danças de roda, alegria... Risos, palhaços aos tombos...

Uma expansão de ventura... Foguetes a estralejar... E em preces de desventura, Mendigos a mendigar...

E eu formo então um juízo Tão triste do que a vida seja... Ao lado de cada riso Sempre um lamento verdeja...

Vêde além no arraial, Cabaz de risos e gozo, Expostas em estendal As chagas dum canceroso...

Mas há alegria, ventura, Foguetes a estralejar... Sempre ronda a desventura Onde a vida quer' reinar...

Ai, bailai bem ligeirinhos Moços tão cheios d'esperanças... E que os ais dos pobrezinhos Acompanhem vossas danças. 4-5.

- Paços de Brandão *Ignotus Sum*
(T. C. B. — T. E.)

EM VERSO

- 20) Como eu te conheci... e como estás mudada. — 1.

Daquilo que tu fôste és pálida visão. — 1
Perdeste a graça, o tom, o teu olhar de fada,
Nem sei se inda terás no peito um coração...
Eu nunca te esqueci... apenas o Destino,
Cruel, nos separou. Eu nunca mais te vi...

28) ENIGMA FIGURADO



E agora, ao fitar o teu rosto franzino, Eu quasi, podes crer, que não te conheci... e como tu's estás agora... Embora tenda a crer na tua desventura, Não tenho dó de ti. Tu fôste uma traidora, Despedaçando um sonho, um sonho de ventura!

Lisboa *Lérias (T. E.)*

- 21) — Com um prego de madeira — 2.
E outro prego de madeira — 2.
Já fabriquei, outrora,
Um chapéu de senhora.

Luanda *Ti-Beado*
(Á menina Delfina dos Santos Almeida)

- 22) Como eu beijaria a pele alva e macia — 1.
Do teu rosto tão lindo e encantador — 1.
Como é belo teu olhar de melancolia!
Por que não amar teu corpo encantador?
Lisboa *Valério (S. C. L.)*

IDEAL VIVER!

(Agradecendo a parte que me cabe no «poema monstro» de «Lérias»)

- 23) Às vezes estou tão cheio de viver, Lastimo de tal modo a minha vida, Tenho ardentes desejos de morrer, Ao Mundo dar o adeus da despedida... «Bem» quero sonhar, do Mundo descrever, — 3
Em sonhos ter minh'alma adormecida, Sômente acordar, p'ra logo morrer, — 1
E ir repousar na eterna guarida... Minh'alma viveria sepultada, Na imensa região da Eternidade, Longe da vida atrás e estropeada... Que vida conveniente e bem gozada, A passada nos céus da Imensidade, Onde tudo é incógnito... e mais nada!

Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*
(Agradecendo a «Vidalegre» a parte que me toca na sua «preclara» do N.º 1)

- 24) Vivo triste, acabrunhado, — 5.
Sôzinho e abandonado — 1.
Neste Mundo a padecer;
E vivo assim me ancólico
Pelo poder diabólico
Duma formosa mulher!

Lisboa *Xicantunes*

LOGOGRIFOS

- 25) D. Luz, já durásia, adoidada, — 3-2-1-4.
Viúvou dum honesto burguês. — 3-2-4-1.
Ficou rica... e a seguir namorada
Dum rapaz. E adeus viúvez!

Foi ferida p'lo Amor.. Desvairada, — 1-2-5-4.
Sem assento, casou outra vez!... — 5-2-1-4.

Mas já torce a orelha, coitada:
O «mocinho» é um tipo soez.
Deixa a esposa isolada semanas...
Revelou-se, casado, o janota,
Ocioso, brutal, doidivanas.
São noitadas, os clubes, batota...
Tem p'ros «gostos» mulher's levianas,
E p'ros «gastos» lá tem a velhota
Lisboa *Braz Cadunha*

- 26) Eu de idade tenho um pouco — 1-6-7
Mas cruel nunca quis ser; — 2-1-6-7
Já estive um pouco rouco — 3-5-6-7
Por esforço querer fazer,
A chamar por um carneiro — 4-1-2
Ao pé dum negro ceifeiro.

Paços de Brandão *Nélito (T. C. B.)*

ENIGMA EM VERSO

(Ao «Lino Faro»)

- 27) Entre a planta verdejante
E a vila busque de vez
O final interessante
Do alfabeto português.

Medida pelos extremos,
No total — hoste valente,
Em face da qual devemos
Recorrer a São Vicente.

Belém do Pará Athenas *(A. C. L. B.)*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BATISTA, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

(1) Que habitavam no Maranhão.

A batalha de Waterloo vai ser reconstituída no cinema

GEORGE ARLISS, o incomparável actor britânico criador de Voltaire e Rothschild no cinema, está em Inglaterra, onde vai realizar um filme.

Após longas discussões a escolha do artista e dos produtores fixou-se na obra «O duque de ferro», em que Arliss interpretará o papel de Wellington.

Como se calcula, a cena culminante do filme será a batalha de Waterloo em que a tenacidade de Wellington esmagou a bravura de Napoleão. A reconstituição far-se-á no campo de exercícios de Aldershot e nela colaboram corpos do exército inglês envergando uniformes de 1814.

Vão ser contratados algumas centenas de figurantes franceses para representar a última carga da Guarda Imperial contra os quadrados ingleses aos gritos de «viva o Imperador!».

Pelo excepcional interesse do assunto e pela grandeza que se procura imprimir à realização, é de prever que o novo filme de George Arliss constitua uma produção de grande categoria.

A «Gaumont-British» grande firma produtora da Inglaterra, entabulou há tempo negociações com o Almirantado britânico no sentido de realizar um grande filme com a colaboração da marinha de guerra. Deviam figurar nesse filme algumas batalhas navais destinadas a constituir número de sensação.

A autorização estava prestes a ser dada, quando surgiu oposição irredutível por parte do almirante William Fisher, comandante da esquadra britânica do Mediterrâneo. O argumento por ele invocado é que no filme um dos navios devia figurar como sendo alemão e os marinheiros teriam por isso de usar os uniformes alemães.

Contudo, a «Gaumont-British» não desistiu e declarou-se pronta a remediar uma das objecções que lhe foram feitas. O Almirantado referiu-se já, de facto, ao inconveniente de evoluírem a bordo actores fazendo o papel de marinheiros. Ora os dirigentes da empresa cinematográfica mostram-se prontos a escolher os interpretes entre os próprios marinheiros o que viria acrescentar um novo motivo de interesse ao filme. As negociações prosseguem e o público inglês aguarda com curiosidade a decisão final das entidades oficiais.

Está em realização em Leninegrado um filme em que se reconstitue a época da agonia do regime tsarista. O artista que interpreta o papel de tsar Nicolau II é um padeiro de nome Edvaktor, muito conhecido na cidade, que oferece com o último soberano uma extraordinária semelhança.

Conta-se a este respeito a seguinte história: No tempo do tsar entrou certo dia no seu estabelecimento um oficial da corte que lhe disse:

— Edvaktor, a vossa semelhança com o nosso venerado soberano é surpreendente. Recebi, por isso, ordem para vos convidar a rapar a barba e não a cortar à maneira do imperador.

Edvaktor obedeceu. Mas quando a revolução rebentou voltou a deixar crescer a barba e agora, dezassete anos passados sobre esse período agitado e sombrio, encontrou finalmente utilidade para essa semelhança fisionómica.

A firma inglesa «Gaumont-British» anunciou há tempos a intenção de extrair um filme do célebre romance do Charles Dickens «As aventuras do senhor Pickwick».

Depois dessa data, Walter Forde, director do filme, recebeu mais de duzentas cartas cujos signatários apresentam a sua candidatura para a interpretação do personagem imortal de Dickens. Todos eles julgam reunir as condições físicas indispensáveis e o mais completo talento histriónico.

Cecil B. de Mille, que já há anos dirige a realização do filme «A rainha do Sabá», vai pôr em cena essa obra.

O papel da célebre rainha será interpretado por Mae West. Deve acentuar-se que esse facto representa para a célebre actriz norte-americana uma arriscada tentativa que lhe é imposta pelas condições actuais da sua carreira artística.

Na realidade, Mae West



Wynne Gibson numa imagem cheia de suavidade

luta actualmente com uma grave dificuldade. O público, que tão calorosamente prestou homenagem ao seu talento, começa a mostrar-se fatigado de a ver sempre nos mesmos papéis. Torna-se lhe por isso necessário renovar o seu género, tentar qualquer cousa fora dos moldes em que conquistou celebridade. É isso que ela vai fazer, ao evocar no «écran» a figura lendária da rainha do Sabá.

Charlie Chaplin perdeu há pouco um dos seus melhores colaboradores na pessoa do seu secretário japonês Yo To Rao, que há quinze anos o servia dedicadamente.

Yo To Rao abandona o seu lugar para assumir a gerência dum cinema em Tóquio. Dotado de viva inteligência, adquiriu grande número de conhecimentos valiosos durante o tempo que trabalhou ao lado de Chaplin. Este fazia os mais calorosos elogios à sua competência e quando da sua partida fez-lhe dádiva de 85.000 dólares.

Um inquérito recente demonstrou que nos últimos dois anos mais de um cento de artistas dos teatros de Broadway abandonaram a cena para se consagrar ao cinema. Só nos estúdios da «Metro», por exemplo, a percentagem dos artistas que encetaram a sua carreira artística nos palcos é de cinquenta por cento.

A razão deste facto consiste, principalmente em que na América o cinema oferece às artistas uma popularidade mais vasta e portanto um êxito mais considerável.

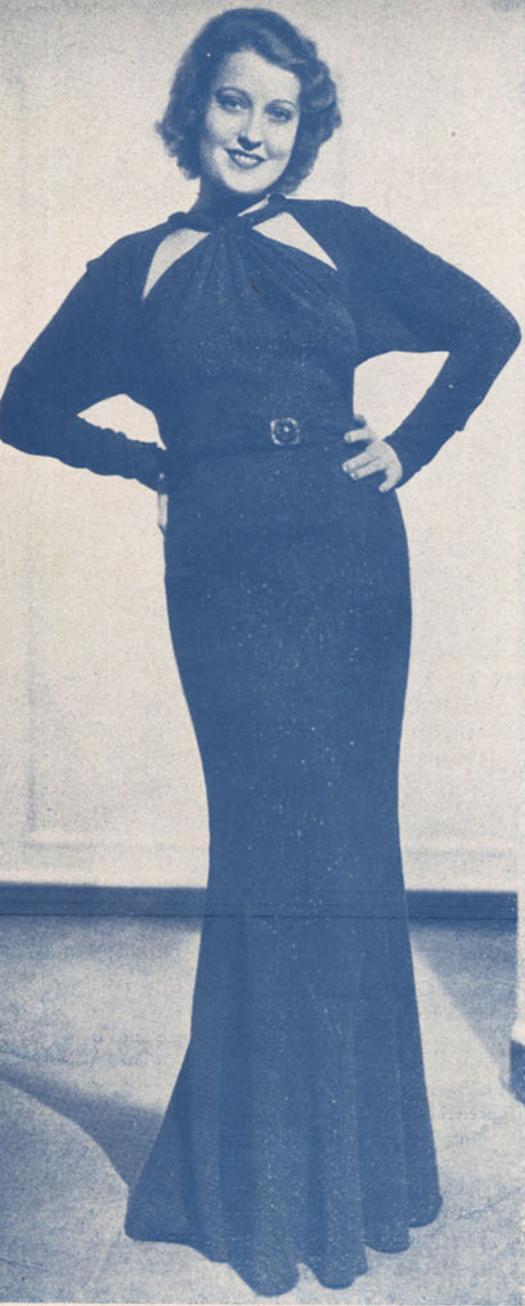
Como em tempo previmos, Dorothea Wieck, a extraordinária preceptora da «Raparigas de Uniforme», não faz excepção entre as artistas que abandonam a Europa seduzidas pelos contratos vantajosos e a publicidade retumbante dos estúdios de Hollywood.

Poucos meses decorridos sobre a sua chegada à América do Norte, Dorothea Wieck julgou-se já obrigada a declarar aos representantes da Imprensa que estava farta de Hollywood, que não podia tolerar os papéis que lhe eram atribuídos e que o seu regresso à pátria era apenas questão de dias.

Apesar disso não nos surpreenderia que, seguindo ainda o uso, Dorothea Wieck continuasse a trabalhar nos estúdios de Hollywood, e que um cálculo sensato dominasse os seus assomos de rebeldia.



Uma atitude bem orientada de Ana May Wong



PÁGINAS DA MULHER

nós vemos aqueles que não têm ninguém, dedicar o seu afecto a um cão, a um gato, a um pagão. E para mim nada há mais desumano do que ver trocar as pessoas, que dedicam o seu afecto a um animal, porque é sempre o sintoma dum coração transbordante de ternura, que não encontrou eco em ninguém, ou mesmo um coração a quem os afectos que tem não são retribuídos ou não são ainda bastantes para o seu excesso de afectividade. Há nada mais belo do que o amor maternal, esse amor feito de todas as ternuras e de todos os sacrifícios? Esse amor que leva aos maiores heroísmos e ainda o que é mais difícil de exigir a uma criatura humana, aos pequenos sacrifícios de todos os dias, de todos os momentos. E como é enteneecedor o amor filial, quando vemos os filhos cuidar seus pais velhos, velar por eles, ter com eles os cuidados que deles receberam quando eram crianças. E o amor fraternal, que através de todas as agruras da vida persiste sempre, resistindo a separações de anos, à vida que tudo arrasta na sua corrente veloz. Mas o que é sobretudo admirável e que nos faz esquecer todas as taras e defeitos humanos, é o amor do próximo, esse amor que leva tantas almas boas, a sacrificarem a sua vida para fazerem o bem àqueles que precisam. Esse amor que se revela muitas vezes num sacrifício ignorado de todos, na dedicação de todos os momentos da vida a um doente, a um velho, nessas vidas dedicadas a descobrir a pobreza para a minorar, sem esperança de retribuição neste mundo, nem mesmo de gratidão. Esse amor pelas crianças, que leva pessoas a viverem para educar crianças pobres, que fundam escolas, que as ensinam, que as vestem, que as acolhem, com ternura e com meiguice. É como é para desejar nesta hora de incerteza, que é a vida actual, que esse amor tão belo e tão encantador se levante no mundo como um farol irradiante da luz da bondade humana e consiga combater pela sua luminosidade convincente, o ódio e a maldade, expulsa las, afasta-las e fazer viver todos na paz e na harmonia. Os ricos valendo aos pobres minorando-lhes a sua desgraça e estes sem ódio, sem inveja aceitando o bem com o coração aberto e não na revolta triste e sem remédio que agrava todas as situações. Que o amor ressuscite, a paz e as palavras de Jesus Cristo sejam ouvidas e acatadas.

Maria de Eça.

A moda

ESTE verão a moda traz-nos os frescos vestidos de algodão, as «organdis», as cambraias bordadas. Nós vemos reaparecer as frescas raparigas de outro tempo com os seus vestidos leves e folhados, com as suas grandes «capelines» guarnecidas a flores. Frescas e garridas como flores elas próprias. A moda traz-nos as cores alegres e vivas, que tinham desaparecido das ruas, depois da guerra, como se durante anos a humanidade trouxesse o luto dos seus mortos e do seu sofrimento. Com as cores alegres, com os tecidos leves e garridos a humanidade alegre os seus olhos e parece que o ver uma fresca rapariga vestida com um vestido leve e de alegre colorido,

nos faz encarar a vida com mais alegria. Damos hoje dois modelos. Um em «surah» fundo azul escuro com «pois» branco.

As originalíssimas mangas são forradas de «georgette» branco. É um vestido leve gracioso para praia e campo ou para uma recepção íntima. O outro modelo é um lindo vestido para jantar em seda «cotelée» largo, vermelha escura com uns ligeiros laivos brancos. De manga comprida e decote é graciosamente apanhado num «drapé» que é seguro por uma grossa trança de seda vermelha, que segura também as mangas e é terminada no ombro por um botão vermelho com o centro branco. É uma «toilette» de grande elegância e distinção que modela uma linda figura de mulher fazendo sobressair com vantagem a correcção e a elegância das suas linhas. É além disso um vestido simples o que é sempre bonito. Nos chapéus temos este ano a maior variedade, mas o mais interessante são as variadas formas dos chapéus grandes. A novidade até aqui não usada, são os chapéus quadrados, que se colocam de várias maneiras como podem ver as nossas leitoras pelos modelos que damos hoje. Um deles em palha branca é posto de maneira a salientar bem a sua forma original. O outro em palha preta está colocado de forma a que os bicos dêem um ar gracioso e desusado da maior elegância, para o que concorre a cabeça lindamente penteada que o usa. É preciso não esquecer ao escolher o chapéu, o penteado que se usa. O que fica muito bem nuns penteados nada favorece outros. Tudo tem de ter a maior e mais completa harmonia para se ser elegante.

Amores de literato

ÉMILE HENRIOT num artigo do «Temps» intitulado «O grande amor de Mèrimè» fala da ligação de Mèrimè e duma das mulheres mais distintas da sociedade parisiense no tempo de Luís Filipe e do segundo império, e das suas cartas a M.^{me} Delessert. O autor da «Carmen» teve por esta senhora uma verdadeira paixão. Esta ligação que durou vinte anos, acabou em 1855. Diz-se que pouco antes da rotura Mèrimè sentiu a necessidade duma explicação e pediu-a numa carta, num tom particularmente comovido na sua tristeza contida. «Permita-me minha senhora, que aproveite o caso do abade Gaschler para lhe falar daquilo que me interessa mais do que todos os abades do mundo. Creio notar que há algum tempo me trata com uma grande frieza, para não dizer outra coisa. Tenho

ENTRE os homens atea-a com facilidade o ódio, esse flagelo, que pior do que um incêndio tudo destrói e devora. A política, a religião, tudo serve para lançar meia humanidade contra a outra metade. Num rancor, numa fúria destruidoras, e, agora mais do que nunca isso se nota. Conservadores e avançados combatem-se com verdadeiro ódio e essa lepra alastra pelo mundo fóra, atirando uns contra outros irmãos, muitas vezes dentro dos próprios países, e, do mesmo sangue. E quanto é para lamentar esta tendência do homem que foi criado por Deus para o amor, e, não para o ódio. Quando digo o amor não me refiro em especial a esse sentimento a que geralmente se aplica esse nome, e, que se muitas vezes é um amor belo em que duas almas se fundem numa só e em que duas vidas se unificam, outras quando mal compreendido não passa do fogacho dum desejo, duma paixão violenta e má, que desperta nos corações todos os maus sentimentos e os arrasta a todos os excessos, aos mais condenáveis mesmo. Falo do amor singelo que as almas boas, umas às outras dedicam, esse amor que é simples e puro. Desde o amor de Deus ao amor familiar, ao amor do próximo. Sem esse simples sentimento tão natural na humanidade um coração bem constituído não pode viver, nem existir. E a prova é que





a consciência de que nada fiz para merecer isso. Creio, ao contrário, ter estudado desde há um ano a maneira de evitar tudo o que lhe possa desagradar. Se me enganar, peço-lhe que me diga e ficar-lhe ei muito reconhecido. Parto breve, vou para longe e provavelmente por muito tempo. Não queria deixar atrás de mim, maus pensamentos. Um grego disse que nunca devemos deixar crescer a erva nos caminhos da amizade».

Modernismos

UMA das mais interessantes novidades londrinas, é o aperfeiçoamento dos «autobus» de Londres que lhes permite a instantanea transformação em sala de baile. Trata-se dos «autobus» destinados aos passeios ao campo e sobre os quais os passageiros, que querem dançar apenas têm de levar um gramofone se não se quizerem servir do piano desmontável de que é fornecido o «autobus». Os assentos dobram-se contra as paredes deixando livre um vasto espaço, para dançar. O pavimento é de madeira encerada. Quando se deseja transformar o veículo em bufete, os assentos mediante a simples pressão dum botão tornam-se mesas. Nas paredes há máquinas automáticas, nas quais introduzindo moedas se obtem cigarros, chocolates e bebidas. Duchas de vapor, fazem o aquecimento da sala, a qual à noite é agradavelmente iluminada por luzes multicolores, escondidas em «abats-jours». Nas janelas há cortinas de seda e renda. A decoração do ambiente é completada por relógios e espelhos. O «chauffeur» está completamente separano dos viajantes. E é assim que se fazem deliciosos passeios ao campo nos arredores de Londres.

A maçã

MUITAS vezes ignoramos o que a natureza nos põe à mão, de preciosos instrumentos de defesa contra as traições, que a vida nos prepara. Num congresso científico foram descobertas as qualidades da maçã, benefício da providência, ao qual se não rendem as homenagens que merece. A maçã facilita a digestão e cura qualquer doença do estômago. Sobretudo dá uma preciosa contribuição para a hygiene da bôca e mantém a nossa dentadura num estado perfeito. Neste congresso um médico americano definiu assim as virtudes desta fruta. «Uma maçã por dia evita o médico, meia duzia suprime o dentista». Há já alguns anos, as preciosas qualidades da maçã foram reveladas por um ilustre escritor. Interrogado sobre a sua alimentação, respondeu, que quando estava ocupado num trabalho sério, romance ou drama, apenas comia maçãs assadas e que esse alimento bastava para lhe dar forças. Um humorista que

fazia parte da sociedade que tinha ido prestar-lhe homenagem, pelos seus triunfos como autor teatral, acrescentou em voz baixa. «É preferível comer maçã, do que ser com eles corrido do palco quando a peça não agrada». Desta maneira assistimos à reabilitação da maçã, o pomo maldito, que tanto tem que se fazer perdoar. O primeiro, o do paraíso terrestre, que tão nocivo nos foi e tantos males nos trouxe, sem falar na terrível obrigação de ganhar a vida, com o suor do nosso rosto, ou mesmo com o . . . da nossa pena. E que não ficando por aqui ainda males trouxe sempre. Como a maçã que Paris ofereceu como galante preito à deusa de beleza perfeita e completa e que desencadeou nada menos do que o terrível flagelo da guerra, o maior, que pode atacar a humanidade. A descoberta das qualidades da maçã e o bem que nos pode trazer vem equilibrar todos os malfícios e a humanidade que tem sempre olhado com desconfiança esta fruta passará a usá-la como seu alimento favorito. Crua ou assada, em compota, ou em marmelada a maçã é sempre benéfica.

No segundo império

DE algumas páginas da vida de Napoleão III, um colaborador da *Nation Belge*, reevoca a famosa representação da opereta «A Grã-Duquesa de Geroldstéin», de Offenbach, no teatro das «Varietés», dada durante a Exposição de 1867, em Paris, deante duma platea cheia. No camarote imperial estavam o Tzar Alexandre da Rússia, o Rei Guilherme da Prússia e, nos camarotes em volta, outras cabeças coroadas: grão-duques e príncipes, entre os quais o jôven príncipe Humberto de Sabóia. Na platea generais e ministros, entre os quais: Nigra, Metternich e Bismarck. A imperatriz Eugénia, vestida de seda côr de rosa, ombros nus, adornada com o seu magnífico colar de pérolas, brilhava como nos seus melhores dias. Todos os soberanos que tinham acorrido a Paris para a Exposição Universal embriagavam-na de louvores e homenagens. Ela esquecia as inquietações do poder, as preocupações políticas, o drama no México, Carlota louca, Maximiliano fuzilado. A moldura de grandeza e de fausto, na qual se movia, davam-lhe a ilusão do poder. Na véspera tinha dado aos seus hóspedes coroados, uma festa em Versalhes, como nunca tinha havido, nem mesmo no tempo do faustoso Luís XIV, fontes luminosas, músicas nos bosques, o grande canal sulcado de gôndolas com balões, uma ceia de seiscentos talheres servida na galeria dos Espelhos, um fôgo de artifício que parecia incendiar o céu. Naquela no «Varietés», a imperatriz Eugénia sentada entre o tzar e rei da Prússia, ria com gôsto das graças do ex-rei da Baviera. Quando caiu o pano sobre o primeiro acto o conde de Bismarck, gritou: «Bravo! é assim mesmo» E ria até às lágrimas, divertido com a evocação burlesca das pequenas artes alemãs, das quais odiava os costumes retrógrados.

Na sala gritava-se: «Schneider, Schneider». E a célebre «divette» Hortense Schneider apareceu na ribalta sorridente e loura com o seu traje de «hussard» e inclinou-se com uma profunda vénia deante daquela assembleia de reis, que juntamente com Napoleão e Eugénia a aplaudiram com entusiasmo. Três anos depois a guerra e o desmoronamento daquela grandeza.

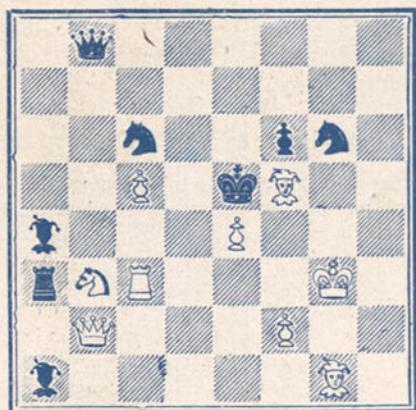
A vida em Versalhes

FOLHEANDO um recente trabalho consagrado ao castelho de Versalhes, trabalho luxuoso e que contem admiráveis reproduções dos salões, das galerias, dos jardins, do imenso palácio, um colaborador do «Temps» recorda os tempos de Luís XV, quando o rei estava rodeado dum exército de servidores, que não o serviam bem como se depreende dum seu livrinho de memórias. A casa da rainha não era menos numerosa e também ela se lamentava do serviço e pouca vigilância. Queixa-se de que a sua antecâmara, serve de passagem a todos e é o asilo de todos os mendigos. O rei entrando um dia no seu quarto encontrou diante de si um homem em mangas de camisa, de aspecto vulgar. O inglês não estava menos assustado do que o rei. Era um aguadeiro que vindo pela primeira vez a Versalhes se tinha perdido e encontrando todas as portas abertas tinha ido ali parar. A multidão dos criados era tão grande, que se não sabia a quem dirigir-se para pedir qualquer coisa. O duque de Luynes nas suas memórias conta, que a rainha Maria Leczinska, tendo visto sobre a sua colchã, no leito de luxo, muito pó, fez essa observação à duquesa de Luynes, sua primeira dama de honor, que mandou chamar o primeiro criado de quarto e tapeceiro da rainha. Este não negou a existência do pó, mas mandou chamar o tapeceiro do rei para se aconselhar com êle. Este declarou, que os tapeceiros eram de facto encarregados de preparar o leito da rainha, mas que não podiam tocar no de luxo, porque era considerado um móvel, e, que só os oficiais do palácio eram responsáveis da negligência constatada. Passaram dois dias primeiro que se encontrasse o funcionário ao qual incumbia a missão de escovar a colcha real. Isto talvez explique a razão porque Luís XVI tomou a resolução logo que subiu ao trono, de reduzir ao mínimo a gente de serviço.



Problema de xadrez

(de Preis)



Branças 9 Pretas 8
As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Problema de bridge

Espadas — 4
Copas — A. 5, 4.
Ouros — A. 5.
Paus — 4.

Espadas — — — — N Espadas — 3, 2,
Copas — R. O E Copas — V. 10, 8, 3,
Ouros — R. 6, 2. S Ouros — 3.
Paus — R. 6, 2. Paus — — — —

Espadas — D.
Copas — D. 9, 7, 6, 2.
Ouros — — — —
Paus — D.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga uma carta de oiros que N corta. N joga a dama de espadas, E deixa passar, mas S cobre com o rei e joga segunda vez oiros, que são cortados por N, o qual torna a jogar espadas. E torna a deixar passar e S cobre com o dez e joga terceira vez oiros. N corta e joga espadas. E cobre essas terceiras espadas e S faz a vasa do seis de espadas. Se E pegar na primeira ou na segunda vasa de espadas todas as espadas de S ficarão firmes.

A religião e o burro

A introdução do burro nas cerimónias religiosas é mencionada desde o século IV, sendo em certas igrejas o elemento principal duma festa especial.

Segundo as localidades, êle, umas vezes, representava o burro de Balaam, outras o burro da fuga para o Egito, outras o burro que a tradição pôs ao lado do boi no estabulo de Bethlém, e ainda outras o burro que serviu a Jesus na sua entrada triunfal em Jerusalém.



O espírito inglês



Ela para o marido: — Bem sabes que devemos estar em casa dos Mascarenhas às 5 horas. Vê se te despachas com isso!
(Do «Pearson's»)

Em «banho Maria»

Há na Islandia um hotel, o Langorvaut, que se instalou próximo dumas nascentes de água termal idênticas às que nós possuímos em Chaves, e que não tem nem fogões de cozinha, nem chaminés, nem calefação. É a água fervente que coze, a «banho Maria», toda a comida e que aquece as dependências do hotel.

Passatempo



Onde estão os outros três jogadores?

Palavras cruzadas

(Solução)

O	H	M			O	V	O				
C	A		C	A		I	R		D		M
A		C	O	L	A		O		U	M	A
	V	O	N		L	A			L	E	I
C	O	N	S	T	I	T	U	I	C	A	O
A	C	T	O	R				C	R	E	R
	A	O	L					R			A
A	C	R	O	M	E	G	A	L	I	C	O
F	A	C				S	I	N	O	D	O
F	O	I		C		S	E	D	A		L
A		A		I	A		A	O		L	A
						F	I	O			L
											R

Gatos ha muitos...

Nalgumas cidades norte-americanas ha ainda proporcionalmente, mais gatos do que em Lisboa, Conta Edwin Tenney, no «McClure's Magazine», que em Nova-York e arrabaldes havia, na primavera de 1933, dois milhões e meio de gatos, ou seja perto dum gato por habitante. Durante o inverno esta cifra decresce um pouco, porque muitos deles, que vivem em estado meio selvágem, sem dono que os recolha, morrem. Calculou o mesmo escritor que ha nesta grande cidade 100.000 gatos sem dono, o que tem obrigado as autoridades sanitárias a várias medidas de defesa.

O «Gotha»

Os ingleses são os melhores fregueses do *Almageu de Gothia*, e a seguir os alemães. São êstes os povos europeus que ligam maior importância à genealogia e aos titulos de nobreza.

A antiguidade dos bordados

A arte de bordar remonta a uma época antiquíssima. Todos os povos antigos a exerceram na perfeição. Os bordados de Babilonia eram muito procurados em todo o Oriente e os da Frigia não gozavam de menor fama. Talvez mesmo por serem dêste país os mais belos bordados que êles conheceram é que os gregos chamaram aos bordados, *frigias*, palavra que os romanos traduziram por *opus phrygium*. Na idade-média, os bordados eram principalmente empregados para os ornamentos de igreja; mas à medida que as artes de luxo se desenvolveram, passaram a ser applicados no vestuário e nas indústrias laicas.

Flor de madeira...

Nas faldas do Monte Águia, na Guatemala, habita uma planta curiosíssima. Chama-se rosa do inferno ou flor de madeira e o seu receptáculo é de lenho sólido muito resistente.

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
enc. 17\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um guia para melhor cozinhar

O bom apetite é um dos tesouros mais apreciáveis que se pode possuir. E que pode haver de melhor para estimular o apetite do que novos pratos deliciosamente preparados, ou as guloseimas

favoritas mais apetitosamente preparadas?

V. Exa. pode encontrar muitas destas receitas no famoso livro de cozinha Maizena Duryea. Permita-nos enviar-lhe um exemplar — é gratis. Simplesmente preencha o coupon que aparece em baixo. Receberá um exemplar na volta do correio.



MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA

Quiera enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

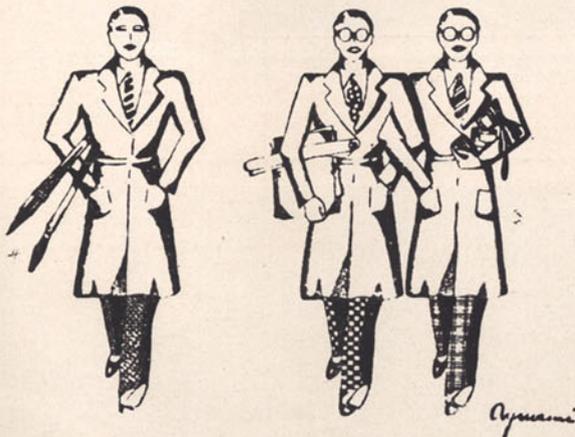
Nome

Morada

LocalidadePort. 5

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas



TRABALHOS
COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

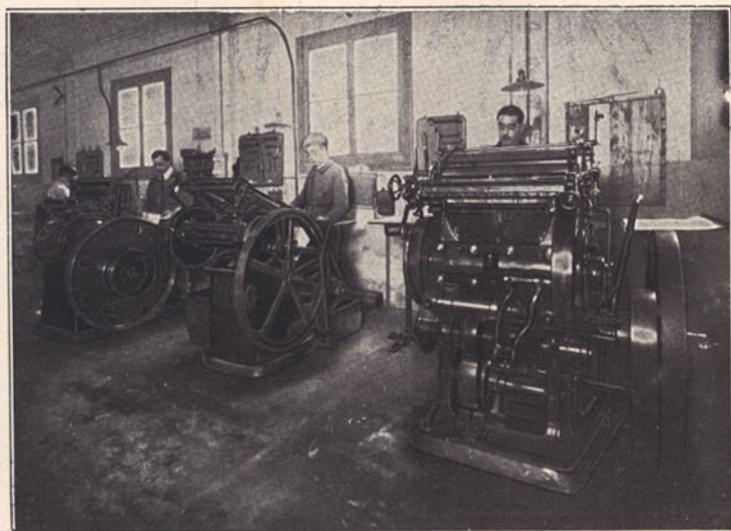
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMESTICOS — MANUAL DO LICREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : amigas do homem : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado... 12\$00
 encadernado... 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
 Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|---|--|--|
| <p>1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—A RODA DA LUA, 1 vol.</p> <p>3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.</p> <p>AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:</p> <p>4—1.ª parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.ª parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.</p> <p>7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.</p> <p>8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.</p> <p>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</p> <p>9—1.ª parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.ª parte—<i>Oceano Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARIINAS:</p> <p>12—1.ª parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.ª parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p>A ILHA MISTERIOSA:</p> <p>14—1.ª parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.ª parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.ª parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p>MIGUEL STROGOFF:</p> <p>17—1.ª parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>18—2.ª parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p>O PAÍS DAS PELES:</p> <p>19—1.ª parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>20—2.ª parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.</p> <p>22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.</p> <p>HEITOR SERVADAC:</p> <p>23—1.ª parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>24—2.ª parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>25—O DOUTOR OX, 1 vol.</p> <p>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</p> <p>26—1.ª parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>27—2.ª parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.</p> <p>29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.</p> <p>30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.</p> <p>A CASA A VAPOR:</p> <p>31—1.ª parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.ª parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p>A JANGADA:</p> <p>33—1.ª parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.ª parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</p> <p>35—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.º vol.</p> <p>36—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.º vol.</p> <p>37—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.º vol.</p> <p>38—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.º vol.</p> <p>39—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.º vol.</p> <p>40—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.º vol.</p> <p>41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.</p> <p>42—O RAIOS VERDE, 1 vol.</p> <p>KÉRABAN, O CABEÇUDO:</p> <p>43—1.ª parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.ª parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.</p> <p>46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.</p> <p>MATIAS SANDORFF:</p> <p>47—1.ª parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.ª parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.ª parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.</p> <p>51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.</p> <p>52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.</p> <p>NORTE CONTRA SUL:</p> <p>53—1.ª parte—<i>O ódio de Texas</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.ª parte—<i>Justiça</i>. 1 vol.</p> | <p>55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.</p> <p>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</p> <p>56—1.ª parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.ª parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p>FAMÍLIA SEM NOME:</p> <p>58—1.ª parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.ª parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.</p> <p>CÉSAR CASCABEL:</p> <p>61—1.ª parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.ª parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</p> <p>63—1.ª parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.ª parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.</p> <p>66—EM FRENTE DA BANDEIRA</p> <p>A ILHA DE HÉLICE:</p> <p>67—1.ª parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.ª parte—<i>Distúrbios no Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.</p> <p>A ESFINGE DOS GELOS:</p> <p>70—1.ª parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.ª parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.</p> <p>O SOBERBO ORENOCO:</p> <p>73—1.ª parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.ª parte—<i>O coronel de Kermor</i>. 1 vol.</p> <p>75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.</p> <p>76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.</p> <p>77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.</p> <p>78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.</p> <p>79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.</p> |
|---|--|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

- ALGEBRA ELEMENTAR**, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas, com 292 gravuras..... 13\$00
- ARITMETICA PRÁTICA**, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00
- DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO**, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00
- ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE**, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- ELEMENTOS DE MECÂNICA**, por *Eugénio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00
- ELEMENTOS DE METALURGIA**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- ELEMENTOS DE MODELAÇÃO**, por *Joseph Füller*—1 volume de 150 págs. com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00
- ELEMENTOS DE PROJECCÕES**, por *João António Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00
- ELEMENTOS DE QUÍMICA**, pela Direcção da *Biblioteca de Instrução Profissional*—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00
- ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL**, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00
- FÍSICA ELEMENTAR**, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00
- GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO**, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 390 págs., com 273 grav..... 15\$00
- O LIVRO DE PORTUGUÊS**, por *António Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

- DESENHO DE MÁQUINAS**, por *Tomaz Bordalo Pinheiro*..... 30\$00
- MATERIAL AGRÍCOLA**, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 208 gravuras..... 15\$00
- NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR**, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00
- PROBLEMAS DE MÁQUINAS**, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

- ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—

- 1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras 17\$00
- ALVENARIA E CANTARIA**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00
- CIMENTO ARMADO**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00
- EDIFICAÇÕES**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00
- ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00
- MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras 20\$00
- TERRAPLENAGENS E ALICERCES**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras 15\$00
- TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00
- TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL**, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

- CONSTRUÇÃO NAVAL**, IV volume (*Construção de navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22 12\$00
- CONSTRUÇÃO NAVAL**, V vol. (*Armamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

- CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS**, por *António Augusto Mendonça Taveira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras 25\$00
- CONDUTOR DE MÁQUINAS**, (*Nova edição refundida*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00
- FABRICANTE DE TECIDOS**, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav..... 25\$00
- FERREIRO**—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

- FOGUEIRO**, por *Antonio Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00
- FORMADOR E ESTUCADOR**, por *Joseph Füller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00
- FOTÓGRAFO**, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras 12\$00
- FUNDIDOR**, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 164 gravuras..... 15\$00
- GALVANOPLASTIA**, por *André Brochet*, tradução de *Manuel Vêres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00
- MARCENEIRO**, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00
- MOTORES DE EXPLOSAÇÃO**, por *António Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00
- NAVEGANTE**, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras 15\$00
- PILOTAGEM**, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras 17\$00
- SERRALHARIA MECÂNICA**, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00
- TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA**, pelo capitão *Guedes Vaz* e tenente *Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00
- TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS**, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras 17\$00
- VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS**, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- INDÚSTRIA ALIMENTAR**, por *Pedro Protes*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00
- INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO**, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras 14\$00
- INDÚSTRIA DE SABÕES E SABONETES**, por *António Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras 10\$00
- INDÚSTRIA DO VIDRO**, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA